Adufop
ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UFOP – SEÇÃO SINDICAL

TRABALHO DOS/AS DOCENTES DA UFOP NA PANDEMIA: LEVANTAMENTO ADUFOP - JULHO 2021



Diretoria ADUFOP - Gestão 2021-2023:
Presidente: Kathiuça Bertollo / ICSA
Vice-Presidente: Deborah Nascimento / ICSA
1ª Secretária: Joana Ferreira / ENUT
2ª Secretária: Karina Barbosa / ENUT
1ª Tesoureira: Rodrigo Ribeiro / ICSA
2º Tesoureiro: Marcelo Donizete / ICHS

Conselho de Representantes
Luís Seixas
Rodrigo Nogueira
Alessandra Ribeiro
André Mayer
Davi Machado
Cláudia Amaral
Clarissa Rodrigues
Joaquim Toledo
Rodrigo Martoni
Vanessa Mosqueira

Período da pesquisa: 9 à 23 de Julho de 2021.

Cartilha produzido pela Associação dos Docentes da Universidade Federal de Ouro Preto (ADUFOP) - Seção Sindical do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES-SN) com auxílio da estudante do curso de Administração da UFOP, Marilia Nunes Viegas.

R. Antônio José Ramos, 65 - Bauxita.
CEP: 35400-000, Ouro Preto - MG.

Tel.: (31) 3551-5247
E-mail: secretaria@adufop.org.br
comunicacao@adufop.org.br
Site: www.adufop.org.br
Facebook: /adufop
Twitter: /adufopsindical
Instagram @adufop

Adufop
ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UFOP – SEÇÃO SINDICAL

Trabalho dos/as Docentes da UFOP na Pandemia:

Levantamento ADUFOP - Julho 2021

Sumário

Apresentação 5

Introdução 7

- **Objetivo** 9
- **Metodologia** 9

Perfil dos Respondentes 10

Trabalho e Ensino Remoto na UFOP 15

Saúde e Retorno Presencial 45

Considerações 55

Referências 59

Anexo 60

Apresentação

Os ombros suportam o mundo

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.
Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.
És todo certeza, já não sabes sofrer.
E nada esperas de teus amigos.
Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
provam apenas que a vida prossegue
e nem todos se libertaram ainda.
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,
prefeririam (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação.

(Carlos Drummond de Andrade)

A pandemia da COVID-19 trouxe desafios ímpares para a humanidade. Desafios estes que se puseram com muita força à educação pública brasileira, à atividade laboral do/a docente.

A realização de levantamentos/estudos sobre a realidade local de cada seção sindical do ANDES-SN foi uma orientação da diretoria nacional e deliberação dos encontros da categoria ao longo do ano de 2020.

O reconhecimento da necessidade de tais estudos sempre foi consensual nas diretorias da ADUFOP, seja na gestão que vivenciou o início do trabalho e ensino remoto na UFOP ou na atual diretoria, que assumiu a gestão da entidade quando já havia decorridos meses da atividade laboral docente conformada remotamente.

Tornou-se uma realidade o fato de, no período da pandemia, as universidades públicas brasileiras assumirem o ensino remoto como meio de dar continuidade à formação acadêmica-profissional ofertada nestas instituições.

Conhecer a realidade, os desafios, as respostas dadas e as não efetivadas enquanto gestão da universidade diante de tal cenário é tarefa para potencializar melhores condições de atuação e de oferta do ensino, pesquisa e extensão. É tarefa sindical, de luta e resistência frente aos incessantes desmontes sofridos.

É fundamental não nos afastarmos das premissas assumidas pelo ANDES-SN e manifestas no Caderno 02. Neste material, que é uma construção coletiva e histórica é afirmado que

> A Educação deve ser pública e gratuita, em seus diferentes níveis e modalidades, pois é um direito social inalienável da população brasileira e não um serviço ou uma mercadoria, constituindo-se em obrigação do Estado, que deve proibir a cobrança de qualquer tipo de taxa. [...] A universidade é um importante patrimônio social e se caracteriza pela universalidade na produção de conhecimento e pela transmissão da experiência cultural e científica da sociedade, constituindo-se em uma instituição de interesse público, independentemente do regime jurídico a que se encontre submetida (ANDES-SN, 2013, pág.16, 17).

Com esse propósito o levantamento foi realizado e agora é tornado público. Além da ampla divulgação à categoria docente e à comunidade acadêmica de modo geral, o mesmo será entregue e pautado junto à reitoria da UFOP e remetido à diretoria nacional do ANDES-SN, bem como, às demais seções sindicais do sindicato.

Introdução

Em dezembro de 2019 médicos de Wuhan, na China, tiveram contato com pacientes manifestando quadro de pneumonia com origem desconhecida. A primeira vítima da doença foi confirmada em 11 de janeiro pelas autoridades, em 20 de janeiro a China declarou emergência sanitária. Meados de janeiro já se tinha conhecimento que o vírus havia ultrapassado as fronteiras da China. Em 25 de fevereiro o primeiro caso da doença foi confirmado no Brasil (MARQUES; SILVEIRA; PIMENTA, 2020).

Os autores destacam que quando o primeiro caso da Covid-19 foi confirmado no Brasil, a doença já estava confirmada nos cinco continentes e ultrapassava centenas de casos pelo mundo, evidenciando uma escalada exponencial da doença (MARQUES; SILVEIRA; PIMENTA, 2020).

> A ameaça da doença ascendeu à experiência do choque: a saturação dos serviços de saúde, a solidão dos moribundos, a morte sem ritos e sem despedidas, as covas coletivas, o rinque de patinação transformado em necrotério, a devastação dos asilos. A pandemia chegou como uma onda, invadindo tudo. Um tsunami. Tomou a vida em um golpe (MARQUES; SILVEIRA; PIMENTA, 2020, p. 231).

Essa onda que nos tomou como um tsunami, tem ainda mais dramaticidade no cenário brasileiro quando, dia após dia, constatamos o descaso de como o Governo Brasileiro vem lidando com a emergência de saúde pública. Neste momento, temos mais de 600 mil mortes pela Covid-19 no Brasil, muito disso agravado por uma política de descaso com a população brasileira, atrelado ao discurso de que era só uma "gripezinha".

Em meio a esse cenário de pandemia, as medidas de isolamento, visando a redução de propagação do vírus, também passaram a fazer parte da realidade das Instituições de Ensino Superior (IES).

Assim como outras IES do Brasil, a UFOP adotou, de forma emergencial, o ensino remoto. O calendário acadêmico foi estabelecido para um Período Letivo Especial Emergencial (PLE - Emergencial) 2020/3 para os cursos de graduação, com aulas entre agosto e outubro de 2020, segundo a Resolução CEPE N° 8.000. A retomada do ano letivo 2020 para os cursos de graduação presenciais, em formato remoto, ocorreu entre 18 de janeiro e 30 de abril de 2021, considerando 15 semanas

para realização das atividades acadêmicas, segundo Resolução CEPE N° 8.042. O segundo semestre letivo de 2020 ocorreu entre 24 de maio e 27 de agosto de 2021, contendo novamente 15 semanas de duração, incluindo exames especiais.

O debate sobre a experiência docente com o trabalho e ensino remoto remete a muitas questões, um exemplo é a organização do calendário acadêmico. Como é possível constatar, foram concebidos semestres mais curtos, tornando a experiência do trabalho remoto ainda mais difícil. Além disso, o período de férias também demonstrou-se insuficiente, por desconsiderar o tempo de descanso, de planejamento e adequação das disciplinas entre os semestres

Esse cenário e suas inúmeras demandas tornaram-se grandes desafios para os professores, que precisaram, em meio a cobranças, medo, incertezas, dúvidas e expectativas, se reinventar e inovar as estratégias pedagógicas (SANTOS; SILVA; BELMONTE, 2021).

Essa adequação emergencial, complexa, impositiva e desestruturada, onerou a categoria docente, porque implicou no acréscimo de horas trabalhadas, gerou dificuldade de adaptação tecnológica, tudo em meio a conciliação dos compromissos familiares, conjugais, maternos e domésticos (SANTOS; SILVA; BELMONTE, 2021).

Em meio a esse contexto, a Diretoria da Adufop, biênio 2021-2023, estruturou o levantamento que resultou neste relatório na intenção de se aproximar da base docente da entidade. O grupo entende que é preciso manter o diálogo e acompanhamento permanente para compreender com profundidade as demandas da categoria quanto às atuais condições de trabalho no ensino remoto, bem como, se preparar para o pós-pandemia, ao que se refere ao retorno presencial das atividades laborais.

Diante disso, foi estruturado um questionário que buscou criar um espaço de escuta, com questões fechadas, focadas em dimensionar quantitativamente a experiência docente da UFOP, e questões abertas e semiabertas, para que os/as docentes pudessem expressar em detalhes suas questões.

Objetivo

Identificar como tem sido a experiência dos/as docentes da UFOP durante o período de trabalho remoto em tempos de pandemia da Covid-19 a fim de subsidiar a atuação da entidade no diálogo e pautas a serem apresentadas à reitoria da UFOP.

Metodologia

Para viabilizar o objetivo proposto, a diretoria da entidade se mobilizou para estruturar um conjunto de questões que contemplassem o trabalho remoto e os direitos trabalhistas, as condições de saúde e as perspectivas quanto ao retorno presencial.

A partir disso, foi construído coletivamente um questionário, contendo questões abertas e fechadas, na expectativa de captar a real experiência do/da docente da UFOP no contexto de trabalho e ensino remoto em meio a pandemia.

O questionário foi elaborado na plataforma Google Forms e foi subdividido em três principais seções. A primeira, para caracterização do Perfil Docente, com 6 perguntas; a segunda, tratou do Trabalho Remoto e Direitos Trabalhistas, com 24 perguntas; a terceira, abordou da Saúde e Retorno Presencial, com 10 perguntas.

O formulário do Google Forms foi divulgado via e-mail e redes sociais aos/às sindicalizados/as da entidade e ficou disponível para coleta de respostas entre 9 e 23 de Julho de 2021.

Ao final desse período foram identificadas 102 respostas no total, sendo 98% de sindicalizados (100 respondentes) e 2% de não sindicalizados (2 respondentes). Considerando o Universo de 778 sindicalizados da ADUFOP, a amostra alcançada neste levantamento foi de aproximadamente 15%.

Para tratamento e análise dos dados, este estudo contou com o auxílio de uma bolsista, para organizar os dados, gerar gráficos, sistematizar as análises quantitativas e categorizar as análises qualitativas. O suporte da bolsista nessa fase foi fundamental para auxiliar a diretoria na conclusão do processo de análises e reflexões.

A partir dos resultados obtidos, a diretoria e demais membros da equipe de trabalho da ADUFOP se reuniram e debateram os principais temas em questão. Como resultado de um esforço coletivo, este relatório apresenta um panorama do Trabalho de Docentes da UFOP na Pandemia.

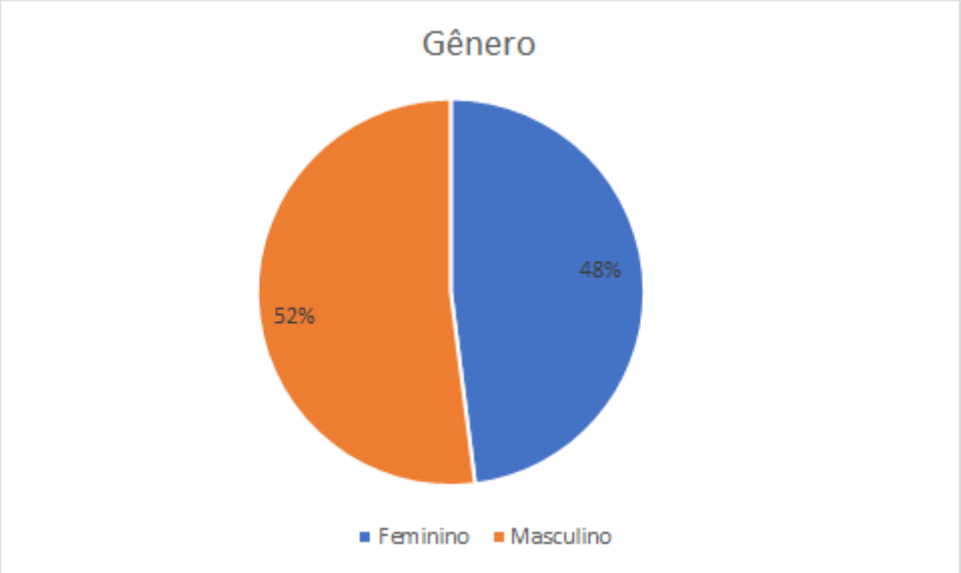
Importa ressaltar que dados parciais deste estudo já foram apresentados nas últimas duas assembleias realizadas pela ADUFOP, nos meses de agosto e outubro do corrente ano. Agora, são explicitados os dados em sua completude.

Perfil dos Respondentes

A Seção Perfil dos Respondentes no questionário foi sucinta, formada por 6 questões voltadas a caracterizar em linhas gerais a amostra da pesquisa. O objetivo era ter um panorama amplo sobre quem era o respondente.

No que se refere ao gênero, os respondentes se identificaram como do Gênero Masculino (52%) e do Gênero Feminino (48%) - Gráfico 1.

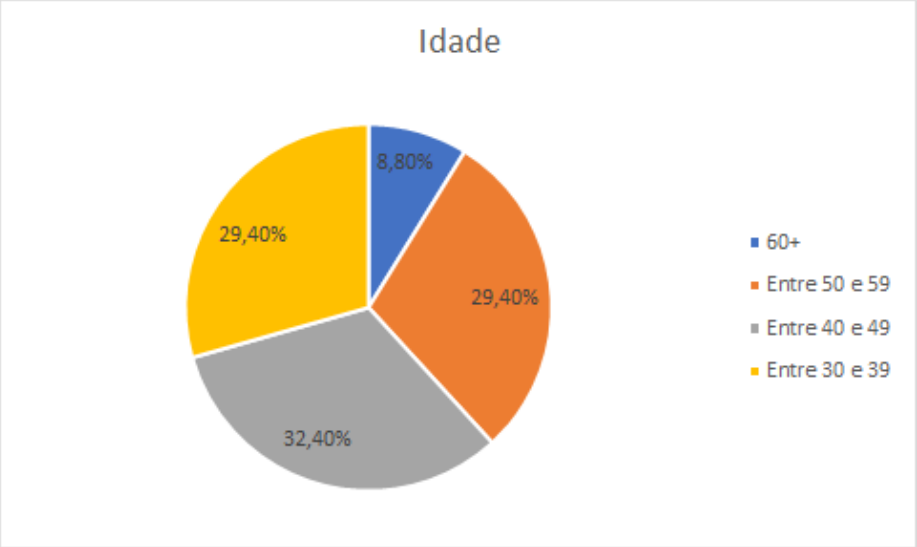
Gráfico 1 - Gênero dos respondentes.



Fonte: Dados da pesquisa.

No que se refere a idade, conforme apresentado no Gráfico 2, a maior parte está na faixa etária entre 40 e 49 anos (32,4%), seguido por um percentual equivalente entre 30 e 39 anos (29,4%) e 50 e 59 anos (29,4%). Apenas 8,8% dos respondentes correspondem a idade acima de 60 anos.

Gráfico 2 - Idade dos respondentes.

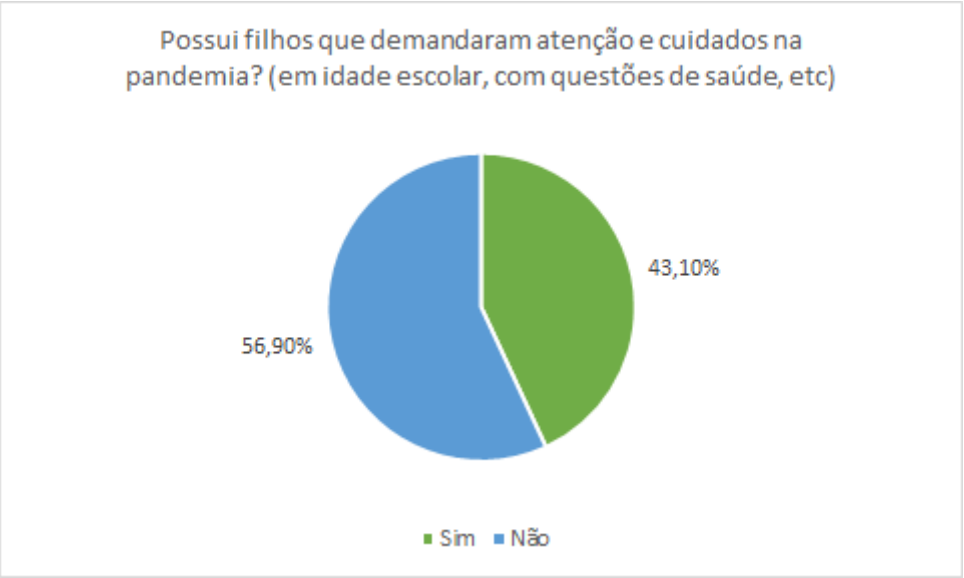


Fonte: Dados da pesquisa.

Apesar de a maioria dos/as docentes ter indicado não possuir filhos que demandam atenção e cuidados na pandemia (56,9%), 43,1% (44 respondentes) indicaram atender a essa demanda. Dentre os 44 docentes que apresentaram ter filhos que demandam atenção e cuidados na pandemia, 23 deles são do gênero feminino e 21 do gênero masculino - Gráfico 3. Embora a questão proposta não qualifique o trabalho no cuidado com os filhos durante a pandemia, observamos que, dentre os respondentes, há uma equidade quantitativa na percepção dessa demanda entre os gêneros. Esse dado nos surpreende positivamente, uma vez que a maior parte dos levantamentos considerando a sobrecarga de trabalho para o gênero feminino, já fortemente presente, sendo agravado na pandemia:

> Segundo a pesquisa "Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia", da Gênero e Número e da Sempreviva Organização Feminista, metade das mulheres brasileiras passou a cuidar de alguém durante a pandemia da Covid-19. No caso das mulheres rurais esse percentual alcança 62% das entrevistadas. Entre abril e maio, foram entrevistadas 2.641 mulheres, de todas as regiões do Brasil, em áreas urbanas e rurais. Cerca de 80% dessas mulheres estão cuidando de familiares, 24% de amigos e 11% de vizinhos. [...] A pesquisa revelou também que, além do cuidado com outros e com a casa, 41% das mulheres que seguiram trabalhando durante a pandemia com manutenção de salários afirmaram trabalhar mais na quarentena, relatando uma sobrecarga. Entre as que passaram a trabalhar em casa, com manutenção de salário, mais de 50% afirmaram que as tarefas domésticas "aumentaram muito". 65,4% das mulheres disseram que a responsabilidade com o trabalho doméstico e de cuidado dificulta a realização do trabalho remunerado. ANDES-SN (2020).

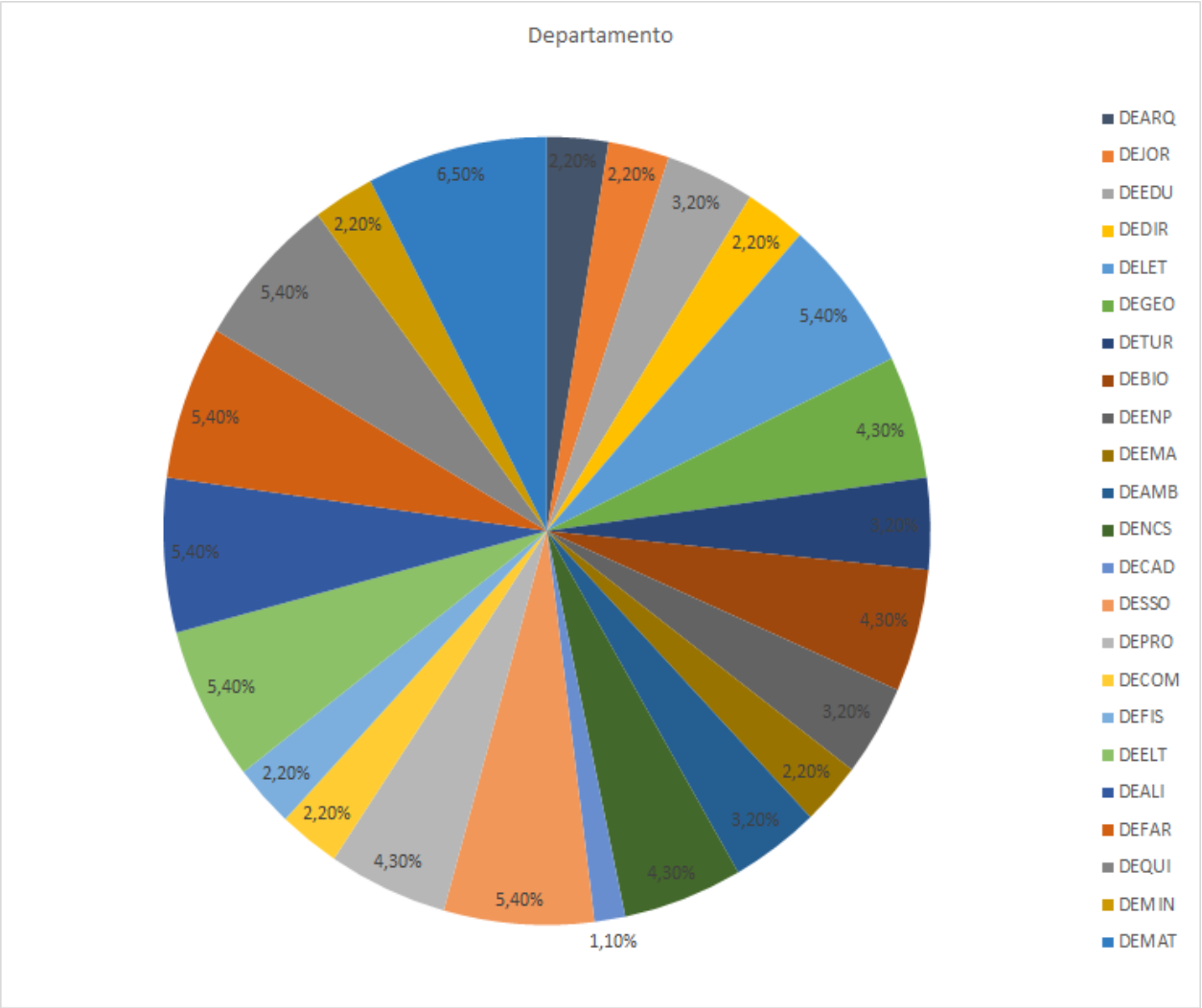
Gráfico 3 - Filhos e cuidados na pandemia.



Fonte: Dados da pesquisa.

Em meio aos 102 respondentes, quase todas as Unidades Acadêmicas da UFOP foram representadas. Apenas o CEDUFOP não foi incluído , pois não foram enviadas respostas de docentes que atuam nesta unidade acadêmica. Esse dado (Gráfico 4) indica a diversidade de respostas obtidas no levantamento, ou seja, os três campi da UFOP (Ouro Preto, Mariana e João Monlevade) estão representados na amostra.

Gráfico 4 - Departamento dos respondentes.



Fonte: Dados da pesquisa

Trabalho e Ensino Remoto na UFOP

Foram levantadas questões sobre a atividade docente, o conhecimento prévio e preparação dos professores para o contexto laboral remoto em todos os âmbitos de atuação docente, seja no ensino, na pesquisa, na extensão, ou nas atividades administrativas.

Quando questionados sobre a concordância em relação a possuir previamente experiência e habilidades para ministrar o ensino remoto, a maior parte dos professores, 65 deles, responderam discordar da afirmação (discordo totalmente e discordo), 34 professores disseram concordar com a afirmação (concordo totalmente e concordo) e 3 manifestaram indiferença - Gráfico 5.

Tal dado aponta que os/as docentes compreendem que a condição laboral a que foram contratados é a presencial, em que o uso de tecnologias da informação pode e é utilizado, mas não de modo predominante ou único no desenvolvimento de suas atividades, o que desencadeia o fato de não possuírem experiência e habilidades para esta modalidade de ensino excepcionalmente assumida pela UFOP.

Sobre a afirmação de que os professores receberam capacitação específica da UFOP para o ensino online, 59 professores concordaram, 25 manifestaram indiferença e 18 indicaram discordância - Gráfico 6.

Quando questionados pela afirmativa de que os professores receberam o suporte necessário da UFOP e de suas pró-reitorias para realizar as atividades acadêmicas (pesquisa, extensão, administração), 46 deles discordaram, 22 manifestaram indiferença e 34 indicaram concordar - Gráfico 7.

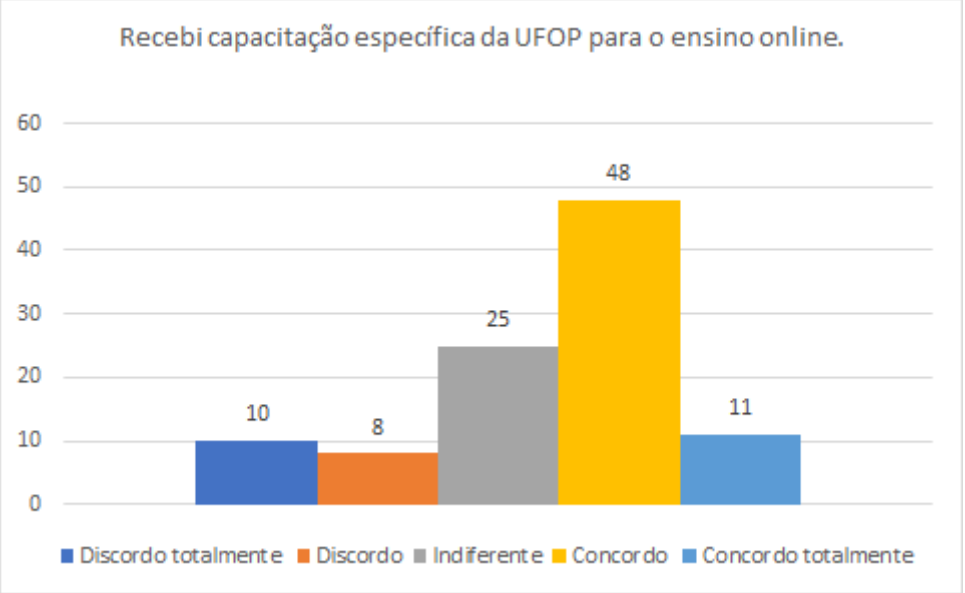
A UFOP ofertou, ao final de 2020 e início de 2021, cursos *on-line* sobre a utilização de recursos da plataforma Moodle e também algumas palestras, por meio do programa Sala Aberta, sobre ferramentas e instrumentos de metodologias e avaliação aplicáveis no ensino remoto.

Gráfico 5 - Atividade docente e suporte institucional - possuía experiências e habilidades.



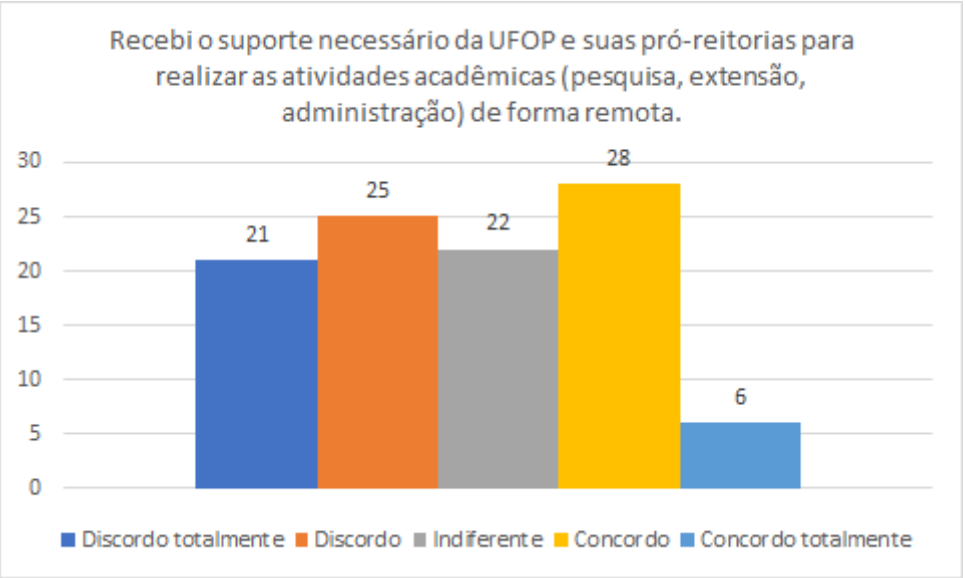
Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 6 - Atividade docente e suporte institucional - recebi capacitação específica.



Fonte: Dados da pesquisa.

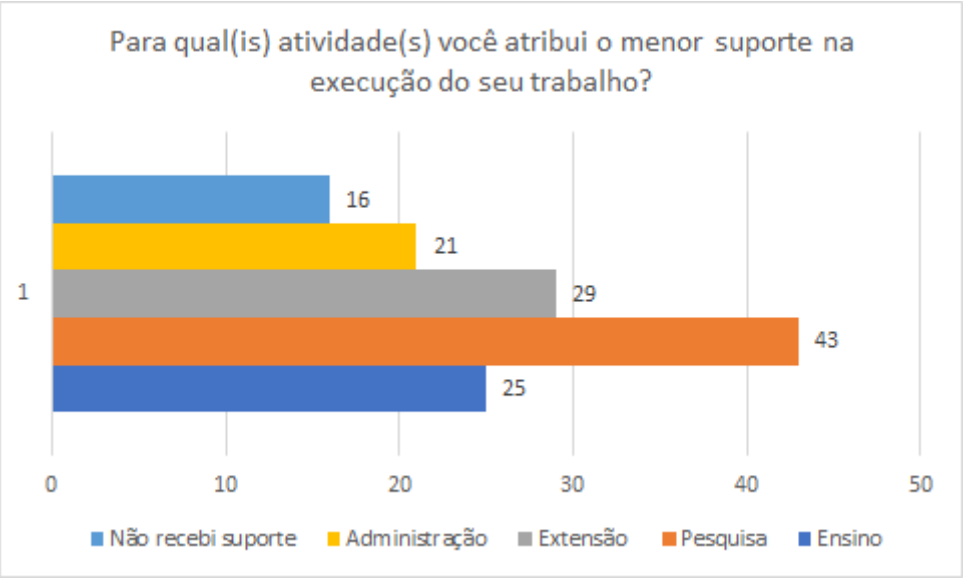
Gráfico 7 - Atividade docente e suporte institucional - recebi o suporte necessário.



Fonte: Dados da pesquisa.

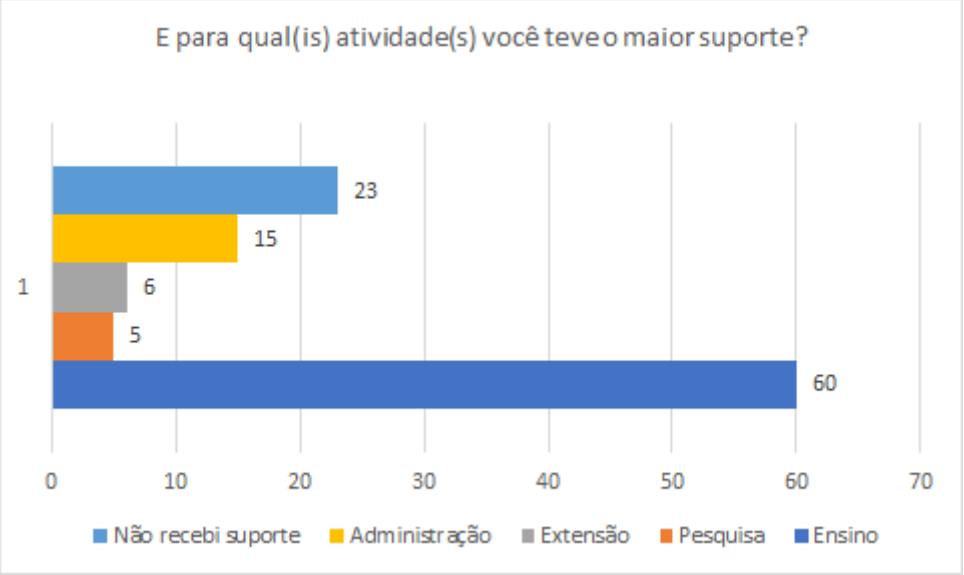
Especificamente sobre suporte institucional, quando os professores foram questionados sobre qual foi a atividade recebeu o menor suporte na execução do trabalho, a área da Pesquisa foi a mais indicada com 43 indicações, seguida da Extensão com 29 respostas, depois o Ensino com 25 indicações, o Administrativo com 21 respostas e, por fim, 16 professores indicaram não ter recebido suporte institucional, conforme ilustra o Gráfico 8. Quanto ao questionamento sobre a área de maior suporte institucional recebido (Gráfico 9), a maior parte dos respondentes indicou a área do Ensino com 60 indicações. Em seguida, 23 respondentes apontaram não ter recebido apoio institucional, 15 indicaram apoio na área administrativa, 6 para extensão e 5 para pesquisa. Esse resultado pode ser o reflexo de que a maioria da capacitação ofertada teve seu direcionamento para o ensino, e, mesmo assim, ainda tivemos a percepção de capacitação insuficiente ou ausente por cerca de 15% dos/as docentes.

Gráfico 8 - Menor apoio institucional para realização das atividades.



Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 9 - Maior apoio institucional para realização das atividades..



Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação ao setor que ofereceu maior apoio para a realização das atividades remotas, a maioria dos respondentes, cerca de 42,2% (43 respondentes), constatou que receberam apoio das pró-reitorias e da reitoria. Logo em seguida, com 36,3%, 37 professores relataram que receberam apoio das chefias dos respectivos departamentos. 23,5% (24 respondentes), disseram que não receberam nenhum apoio. Por fim, 17 professores, cerca de 16,7%, manifestaram apoio do colegiado do

curso e apenas 12 deles (11,8%) disseram ter recebido apoio da diretoria das unidades acadêmicas, o que está expresso no Gráfico 10. Mais uma vez observamos que um percentual considerável dos/as docentes relata falta de apoio institucional, considerando todas as esferas administrativas da organização da UFOP.

Gráfico 10 - Setor que ofereceu mais apoio no período de atividades remotas.



Fonte: Dados da pesquisa.

Sobre o suporte recebido da UFOP ou a ausência deste para a realização das atividades acadêmicas foram analisadas as opiniões trazidas em questão aberta. A questão teve a adesão de 39 respondentes, que indicaram diferentes percepções, conforme apresentado na Tabela 1 e Quadro 1. 61,54% dos respondentes, cerca de 24 professores, relataram que houve suporte em relação às plataformas digitais, apenas 7,69% não tiveram suporte destas plataformas. Entretanto, cerca de 46,15%, 18 respondentes disseram que não houve suporte em relação às ferramentas necessárias para realização das atividades, tais como mesa, cadeira, notebook e afins. Apenas 2,56%, ou seja, 1 respondente indicou ter recebido tal apoio.

Tabela 1 - Percepção do corpo docente acerca do suporte oferecido pela UFOP.

Percepções apresentadas	Percentual	Frequência
Houve suporte em relação às plataformas digitais	61,54%	24
Não houve suporte em relação aos equipamentos	46,15%	18

utilizados para as aulas remotas (mesa, cadeira, notebook)		
Não houve suporte em relação às plataformas digitais	7,69%	3
Houve suporte em relação aos equipamentos utilizados para as aulas remotas (mesa, cadeira, notebook)	2,56%	1
Total	**100%**	**39**

Fonte: Dados da pesquisa.

O fato de, expressivamente, o suporte ofertado pela UFOP ter se circunscrito apenas à oferta de curso para aprendizado de como utilizar plataformas digitais no desenvolvimento das aulas e disciplinas, demonstra o quão restrito foi esse suporte ofertado pela instituição de ensino.

Ainda, acerca desse questionamento sobre o suporte ofertado pela UFOP, considerando que apenas 1 docente recebeu suporte em relação aos equipamentos e, antagonicamente, 18 apontaram não ter recebido esse suporte, duas possibilidades se põem: 1) ou o/a docente precisou por conta e recursos financeiros próprios prover a aquisição desses equipamentos ou 2) a atividade laboral, consequentemente os discentes, foram prejudicados pela ausência destes equipamentos básicos e necessários.

Os diferentes relatos contidos no Quadro 1 ajudam a confirmar que a predominância da assistência institucional esteve focada apenas no uso das plataformas digitais para desempenho das atividades de ensino da graduação. Além disso, eles indicam também que muitos professores, precisaram adquirir com recursos próprios os equipamentos necessários ao desempenho da atividade docente.

Quadro 1 - Relatos do corpo docente acerca do suporte oferecido pela UFOP.

RELATOS
"Fiz os cursos de uso do Moodle, oferecidos pela instituição, e recebi orientação para fazer os cursos de ensino remoto e SEI usar da Escola Nacional de Administração Pública pela chefia do departamento."
"O único suporte que recebi da UFOP foi um curso para manipular a plataforma moodle. O curso foi bom mas precisava de ter outros com mais informação."
"O suporte veio por meio do programa Sala Aberta, mas este atendeu apenas parcialmente as necessidades."

"Não houve suporte, exceto por uma capacitação na utilização do moodle. Ao contrário, eu ofereci suporte a colegas, como por exemplo, colocando à disposição computadores do meu laboratório."
"Para a pesquisa acadêmica (autorizada como presencial) estou tendo o apoio dos TAs e quase nenhum apoio para o reparo dos inúmeros equipamentos paralisados e sem manutenção que os alunos usam diariamente. Isso vem trazendo estresse e muito prejuízo para os alunos da pós-graduação que fazem experimentos na bancada. Não vi na UFOP muitas ações para dar apoio a essas ações."
"Nesse caso, tive que comprar equipamentos para ministrar as aulas remotas (mesa digitalizadora, suporte para elevar a tela do notebook, microfone, software de edição de vídeo) com minhas próprias finanças."
"O suporte que recebi da UFOP foi de alguns minicursos e palestras sobre o ensino remoto, como preparar video-aulas, como preparar o plano de ensino. A UFOP também já tinha a ferramenta do Google Meet para as vídeo-chamadas e também teve a aquisição da biblioteca digital por parte da UFOP. Não recebi orientação sobre como fazer as avaliações. Não tive suporte com material para o home office. Fiz aquisição com recursos próprios de mesa e cadeira ergonômica, mesa digitalizadora e também de uma ferramenta para gravar a tela do computador. Computador e telefone pessoal também são utilizados no trabalho remoto."
"Para lecionar as disciplinas, precisei adquirir equipamento (notebook com tela touch screen e caneta ativa) para viabilizar o ensino de uma das disciplinas que leciono, em virtude da natureza (muitos cálculos). Além disso, precisei aumentar o meu link de internet para viabilizar as webconferências."

Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto às assertivas trazidas na pesquisa que têm relação com as dificuldades dos/as docentes, obteve-se o seguinte resultado: 50% concordaram que tiveram dificuldades em estabelecer práticas didático-pedagógicas no ensino online e 15,69% concordam totalmente, totalizando um universo de 67 respondentes, ou seja, 65,69%. Já os que discordam dessa afirmativa, 16,67%, e os que discordam totalmente, 7,84%, somatizam em 24,51%, ou seja, 25 pessoas (Gráfico 11).

Novamente se explicita que o ensino presencial e o ensino remoto em muito se distanciam ao que se refere à sua estruturação e práticas didático-pedagógicas. Apontamos que tal questão não pode ser considerada e pautada apenas pelas habilidades individuais de cada docente, a exemplo deste/a possuir maior ou menor habilidade e conhecimento no uso de programas e ferramentas computacionais. A questão é mais profunda e circunscreve o próprio entendimento do que é a prática docente, a exemplo da seguinte questão: uma aula é apenas o repasse do conteúdo pelo docente ou é um momento que pressupõe efetiva participação dos discentes também? Neste caso, temos que não basta um/a docente apenas ter conseguido repassar o conteúdo sem nenhum problema técnico/tecnológico, requer-se

mecanismos efetivos de interação do docente e conteúdo repassado com as turmas/discentes, o que muitas vezes não é possível alcançar, como os dados expressam.

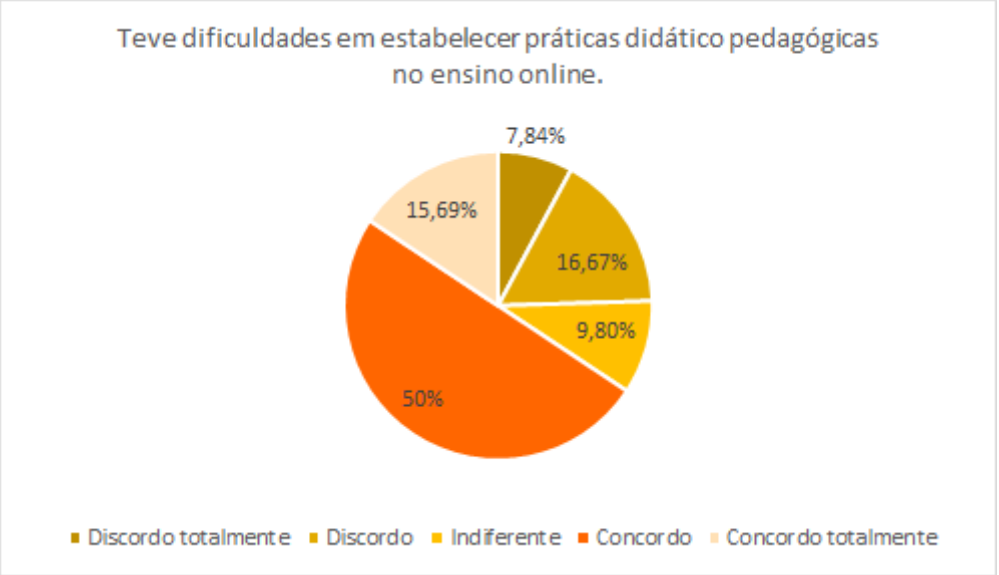
Sobre as dificuldades em estabelecer metodologias de avaliação no ensino online, 37,65% do corpo docente concordam e 31,37% concordam totalmente, o que totaliza em 68,62% destes respondentes, ou seja, 70 docentes. Os que discordam, 14,71%, e os que discordam totalmente, 9,80%, mostra-nos um universo de 25 pessoas, cerca de 24,51% (Gráfico 12).

Este dado está completamente relacionado com o exposto nos dois parágrafos anteriores. O processo avaliativo é não simplesmente a utilização de metodologia de "erro e acerto" por parte dos discentes, é expressão do quê e de como foi o processo didático-pedagógico. Importa ressaltar que a dificuldade de avaliação não se põe somente ao âmbito do ensino, mas também ao da pesquisa e extensão. Por mais que atualmente haja muitos artigos e livros disponibilizados em formato virtual/*on-line*, é notório que o desenvolvimento de pesquisas requer a utilização de bibliotecas, laboratórios, coleta de dados em campo, etc. e a extensão requer ida à comunidade, contato presencial, interação. Isso foi limitado em tempos de pandemia, portanto o discente não pôde vivenciar de forma ampla tais âmbitos, o que implica nas dificuldades de se conformar e desenvolver os processos avaliativos por parte dos/as docentes.

De acordo com as dificuldades na utilização de ferramentas tecnológicas e plataformas digitais para o ensino online, a maioria dos professores concordam, 34,31%, e concordam totalmente, 9,80%, que existiram essas dificuldades, cerca de 45 respondentes (44,11%). Em contrapartida, 27,45% e 12,75%, respectivamente, discordam e discordam totalmente, o que expressa o cenário de 41 respondentes (40,20%) - Gráfico 13. Tal dado, se relacionado com o dado de suporte recebido da UFOP, em que prevalece o suporte de acesso apenas à capacitação para uso de ferramentas tecnológicas, explicita que mesmo assim, as dificuldades permaneceram.

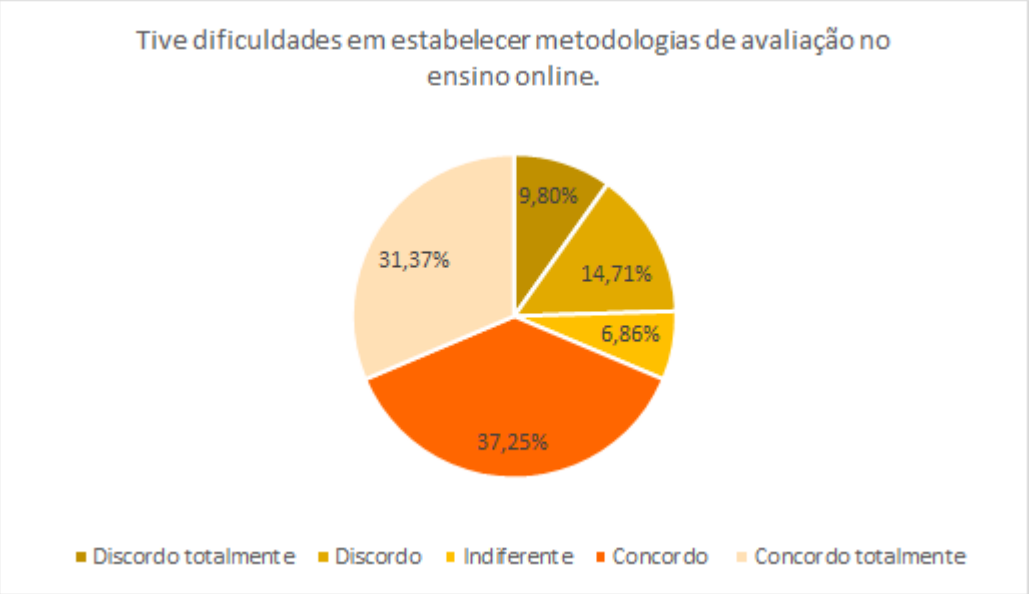
Em todas as assertivas a maioria do corpo docente concorda ou concorda totalmente, dessa forma, ressalta as dificuldades que os professores possuíram em todos esses âmbitos: didático, metodológico e tecnológico em relação ao ensino *on-line.*

Gráfico 11 - Dificuldades do corpo docente no ensino online.



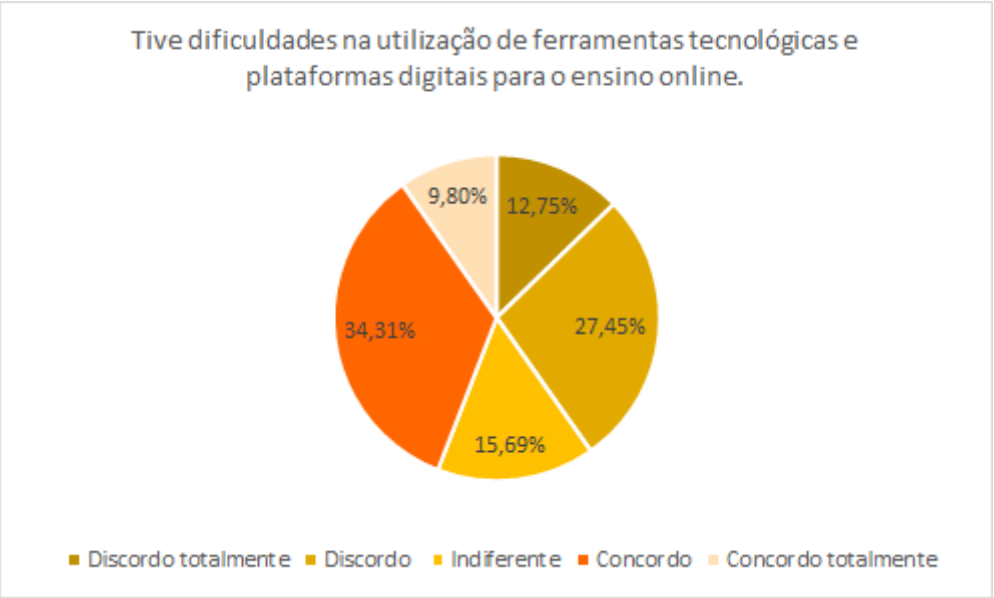
Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 12 - Dificuldades do corpo docente no ensino online (2).



Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 13 - Dificuldades do corpo docente no ensino online (3).



Fonte: Dados da pesquisa.

Por conseguinte, foi feita a seguinte pergunta aos professores: “Quais foram as principais dificuldades pedagógicas vivenciadas?”. Os maiores indicadores foram: estratégias metodológicas, com 49%, práticas didático-pedagógicas, com 42,20%, e a utilização de ferramentas tecnológicas e plataformas digitais, com 36,30%. Muitos respondentes apontaram mais de uma dessas opções, o que torna as porcentagens significativas. 21% tiveram dificuldades em outras questões, como correção de tarefas, avaliações e até mesmo o comprometimento do discente. Apenas 4,90%, ou seja, 5 pessoas destes professores afirmaram que não encontraram nenhum obstáculo em relação ao ensino remoto. A tabela 2 só reforça o que foi apontado nos gráficos anteriores (11, 12, 13).

Tabela 2 - Dificuldades pedagógicas encontradas.

Dificuldades apresentadas	**Percentual**	**Frequência**
Estratégias metodológicas	49%	50
Práticas didático pedagógicas	42,20%	43
Utilização de ferramentas tecnológicas e plataformas digitais	36,30%	37

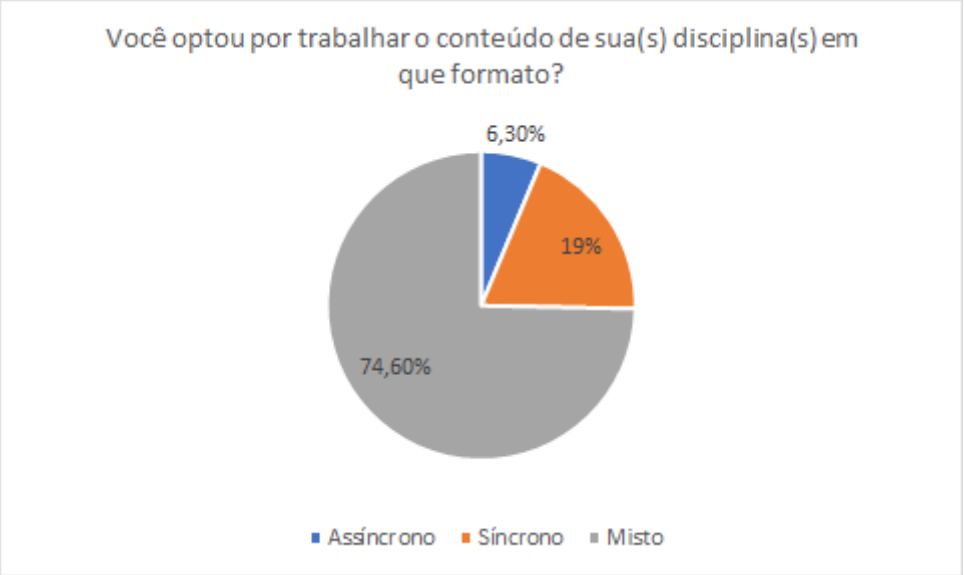
Outros (avaliação, correção de tarefas, comprometimento dos alunos)	21%	21
Não tiveram dificuldades	4,90%	5
Total	**100%**	**102**

Fonte: Dados da pesquisa.

Quando questionados sobre o formato das aulas (síncronas ou assíncronas), cerca de 74,6%, 76 respondentes, disseram que trabalham no formato misto. 19% afirmaram trabalhar de forma síncrona e 6,3% de forma assíncrona (Gráfico 14).

É fato que iniciar uma aula às 21h, no caso do turno noturno, já é um desafio em condições presenciais e de normalidade. Mais ainda, no ensino remoto. Sinalizamos a importância de a UFOP pautar um amplo debate sobre a limitação de desenvolver aulas blocadas nos 04 períodos. É fundamental que cada docente tenha autonomia de escolha nesse sentido, especialmente a fim de possibilitar a utilização de metodologias que não se consegue utilizar em aulas de apenas 02 horários.

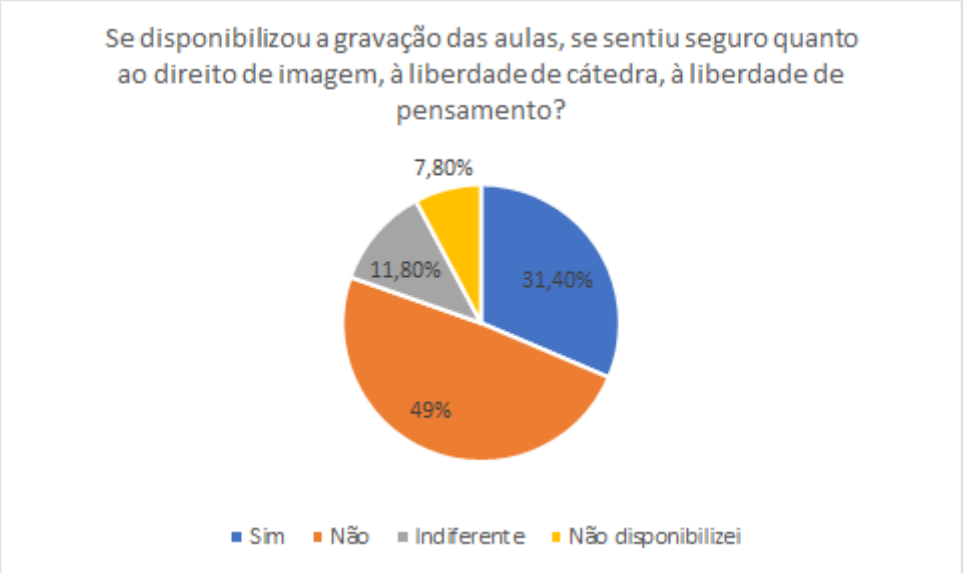
Gráfico 14 - Formato do conteúdo aplicado na disciplina.



Fonte: Dados da pesquisa.

Quando questionados em relação à segurança das aulas gravadas que foram disponibilizadas, 49% dos professores, cerca de 50, não se sentiram seguros. 31,4%, ou seja, 32 docentes, sentiram-se seguros, enquanto 11,8%, ou 12 professores, foram indiferentes (Gráfico 15).

Gráfico 15 - Segurança em relação a gravação das aulas.



Fonte: Dados da pesquisa.

Dentre estes professores que não se sentiram confortáveis em disponibilizar suas aulas, foram questionados os motivos pelos quais tomaram essa decisão (Tabela 3). 28% deles disseram que o maior motivo seria a segurança, pois a UFOP não dá garantia acerca das formas de uso de suas gravações. 27% alegaram que por razões pedagógicas e metodológicas, outros 27% também têm medo dos possíveis ataques que podem sofrer. 18% afirmaram que por motivos técnicos (por exemplo, instabilidade do provedor de internet).

Tabela 3 - Motivos da indisponibilização das aulas gravadas.

Motivos apresentados	Percentual	Frequência
Motivo pedagógico e metodológico	27,27%	3
Insegurança em relação aos possíveis ataques que poderia sofrer	27,27%	3
Segurança (a UFOP não dá garantia acerca das formas de uso das gravações)	27,27%	3
Motivo técnico	18,18%	2
Total	**100%**	**11**

Fonte: Dados da pesquisa.

O Quadro 2 lista alguns relatos que apresentam a justificativa de professores quanto a não disponibilização de aulas gravadas. Os argumentos giram em torno de não fazer sentido substituir o espaço dialógico de interação entre professores e alunos por gravações de narrativas, meramente expositivas. Além disso, é apresentada preocupação quanto à insegurança quanto a possíveis ataques e retaliações em caso de disseminação do conteúdo na rede.

Quadro 2 - Relatos dos motivos da indisponibilização das aulas gravadas.

RELATOS
"1. Não faz sentido. A aula é espaço de interlocução e diálogo e não mera transmissão de conhecimento. 2. Havia conteúdos gravados para cumprir esta finalidade expositiva. 3. Outros canais de comunicação foram abertos para quem eventualmente perdesse o encontro síncrono."
"Dois motivos: o primeiro deles é pedagógico e metodológico. Minhas disciplinas demandam partes técnicas e considero inadequado gravá-las e fazer de meu curso "uma série a ser maratonada". Preciso de interações com meus alunos que só a presença nas aulas pode trazer e tive bom retorno dos alunos. Aqueles que não puderam participar das aulas tiveram todo o suporte com materiais enviados por mim, vídeos dos próprios livros texto e similares. Também prezo pela interação entre professor e aluno (se não fosse importante, cada aluno lia um livro e estava tudo bem, certo?) e entendo que a atividade docente (sou licenciado e sempre quis ser professor) não se faz na frieza de respostas em um fórum ou de um vídeo que pode ser repetido mil vezes, mas sempre com a mesma explicação. Aula é dinâmica, é adaptação permanente e não considero que vídeos gravados consigam isso. Outro motivo é técnico e se refere à baixa qualidade de minha internet. Nunca quis que minha casa fosse meu ambiente de trabalho e por isso sempre trabalhei na Universidade a maioria das minhas 40 horas semanais. Não tenho boa conexão de internet em casa que suporte subir vídeos, por exemplo. E a universidade nunca me perguntou se eu tenho tais condições."
"Insegurança em relação a possíveis ataques que poderia sofrer. Por entender que a disponibilização limita a liberdade de cátedra e de conteúdo, considerando o contexto de extremo conservadorismo que vivenciamos atualmente. Também, por entender que fui contratada para o ensino presencial e não o remoto, portanto, trato o ensino remoto como uma condição de excepcionalidade e não vou aderir a questões que historicamente tem demonstrado que significam ataques à educação pública de qualidade e ao que se refere aos direitos trabalhistas de nós docentes."

Fonte: Dados da pesquisa.

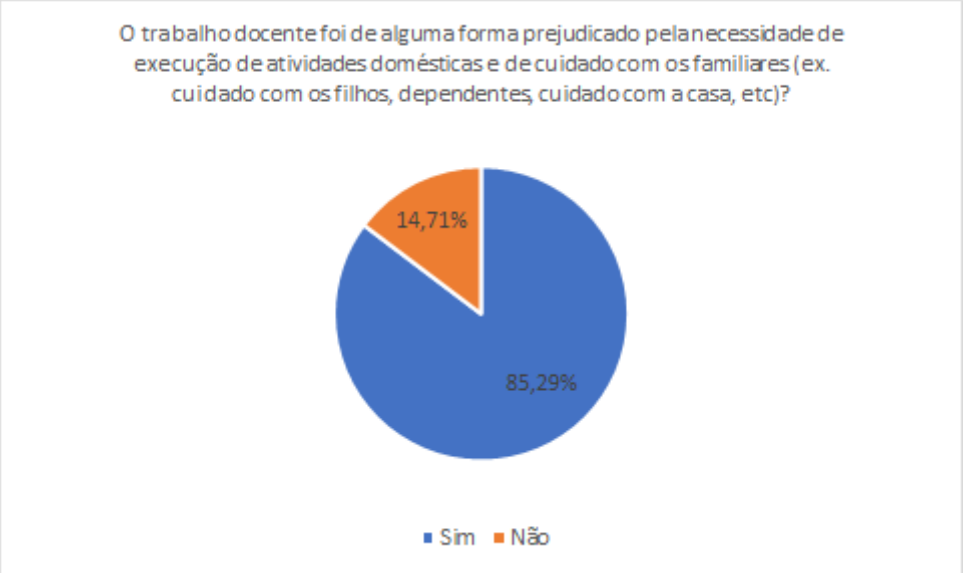
Em relação às gravações das aulas, essa não é uma mera questão e nem pode ser compreendida apenas de forma pragmática. Tem relação direta com os fortes ataques à educação pública, às universidades e os/as próprios/as docentes vivenciados historicamente. É notório que tais ataques se intensificaram na atualidade com o avanço do conservadorismo, negacionismo, com a posição anti-ciência. Ofensivas como o ‘escola sem partido’, as movimentações no sentido de impedir o debate e reconhecimento de gênero no âmbito escolar, bem como, de

cerceamento do pensamento crítico no seio da universidade são agendas assumidas pelos governos e governantes que assumem a perspectiva privatizante do capital, que intentam destruir a educação pública enquanto direito historicamente reivindicado pela classe trabalhadora brasileira, e torná-la uma mercadoria, com acesso apenas aos que podem pagar.

É fundamental que a universidade, que a comunidade acadêmica assuma a perspectiva de educação tal como compreendia Paulo Freire, o patrono da educação brasileira, e faça dela um instrumento para a formação de pessoas que mudam o mundo. Nas palavras desse grande referencial teórico, político, profissional e humano a *"Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo"*.

Prosseguindo, o corpo docente foi questionado acerca do trabalho e a relação com as atividades domésticas e familiares (Gráfico 16). 85,29%, 87 professores, constataram que o trabalho foi prejudicado pela necessidade de execução de atividades domésticas e de cuidado com os familiares. Apenas 14,71%, ou seja, 15 professores não concordaram que o trabalho foi, de alguma maneira, afetado.

Gráfico 16 - O trabalho docente e a relação com os afazeres domésticos.



Fonte: Dados da pesquisa.

Alguns respondentes, além de indicar que tiveram a atividade docente prejudicada pela atividade doméstica, apresentaram narrativas sobre a experiência

vivenciada. O Quadro 3 apresenta algumas das manifestações apresentadas. Como é possível constatar, é recorrente a manifestação de problemas relacionados à simbiose entre casa e trabalho, adicionada às questões de saúde ocasionadas pela pandemia.

Quadro 3 -Relatos sobre o trabalho docente e a relação com os afazeres domésticos.

RELATOS
"Sim. Houve um comprometimento significativo do tempo disponível em razão do acompanhamento das aulas do meu filho de 6 anos."
"Muito prejudicado. Minha esposa e eu somos docentes e temos uma filha que no início da pandemia tinha menos de um ano e hoje tem 2 anos completos. Só conseguimos cumprir com a demanda de aulas e outras tarefas acadêmicas (meu caso) e educacionais minha esposa. Não consigo dizer se poderíamos (universidade) ter feito um plano para levar em conta estas dificuldades, mas senti que fomos "obrigados" a dar conta e isso gerou um sentimento muito grande de estarmos correndo sempre atrás. É preciso termos um plano de verificar questões de números de horas de aula."
"Sim. Meu filho tem 4 anos e demanda a atenção própria de uma criança nessa idade. Minha esposa também está em trabalho remoto. A simbiose entre atividades profissionais, domésticas, cuidados com o filho e esposa trabalhando remotamente prejudicaram muito minha produtividade e estudos para preparação das aulas."
"Sim, uma vez que o limite sala de aula/lar não existe mais e, tendo idoso e criança pequena dentro de casa, muitas vezes o horário do expediente é expandido para compensar o tempo gasto durante o dia com os cuidados com essas pessoas."
"Sim. Mesmo eu não tendo filhos ou pessoas para cuidar, em muitos momentos a rotina docente conjugada com o excesso de reuniões para discussões relativas ao contexto atual, tomada de decisões conjuntas, treinamentos para aprender a gravar aulas, para lidar com o Moodle e outras gerou muita sobrecarga e cansaço mental, físico e psíquico."

Fonte: Dados da pesquisa.

Seguindo pela mesma linha, quando indagados sobre as atividades que mais interferiram no desempenho do trabalho docente, 38,55%, 32 dos entrevistados, concluíram que foram os afazeres domésticos. 28,92%, 24 dos respondentes, afirmaram que os filhos e familiares demandam atenção constante. 27,71%, cerca de 23, disseram que houve uma sobrecarga em relação ao ensino, pois trabalharam mais estando em casa que em sala de aula (Tabela 4).

Tabela 4 - Atividades que mais interferiram no trabalho remoto.

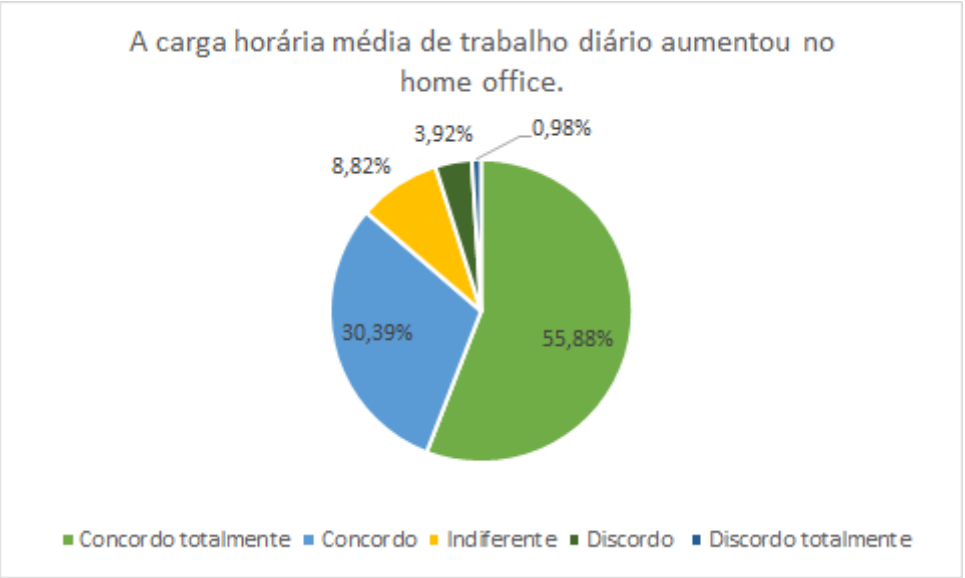
Atividades identificadas	Percentual	Frequência
Afazeres domésticos	38,55%	32
Filhos e familiares demandam atenção constante	28,92%	24
Sobrecarga em relação ao ensino	27,71%	23
Não teve interferência	7,23%	6
Problemas técnicos	6,02%	5
Ausência de instrumentos e espaço adequados	4,82%	4
Reclusão em tempos de pandemia	2,41%	2
Atividades dependentes de outros setores da UFOP	1,20%	1
Total	**100%**	**83**

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação a jornada de trabalho, foram apresentadas as seguintes assertivas: “A carga horária média de trabalho diário aumentou no home office.” (Gráfico 17) e “A mistura entre vida online e offline aumentou minha disponibilidade diária ao trabalho.” (Gráfico 18). A primeira teve uma taxa de concordância de 86,27% se somado as pessoas que concordam, 30,39%, e as que concordam totalmente, 55,88%, o que representa um cenário de 88 respondentes. A taxa de pessoas que discordam, 3,92%, e discordam totalmente, 0,98%, foi de 4,9%. Apenas 8,82% foram indiferentes.

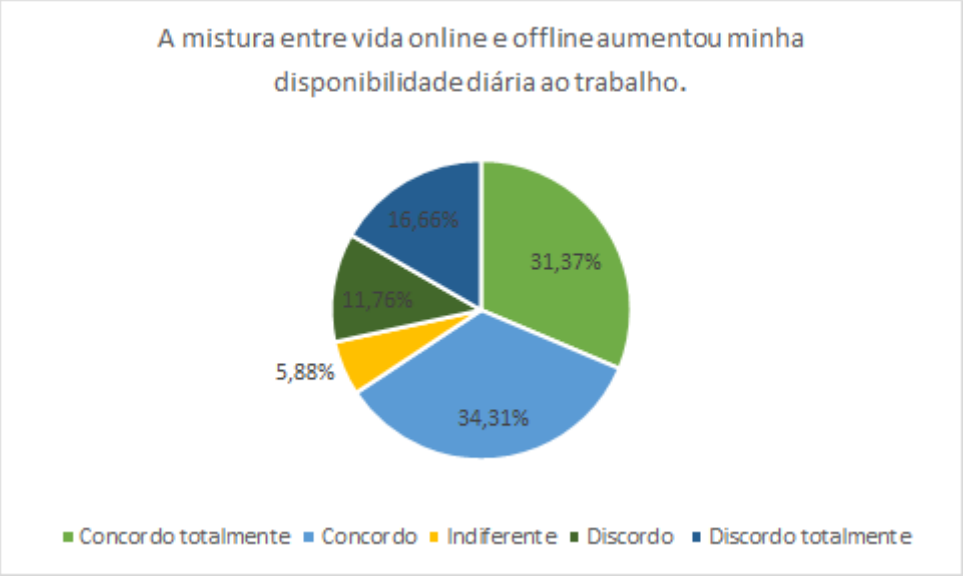
A segunda afirmativa teve uma taxa de concordância de 65,68%, cerca de 67 pessoas. Enquanto a taxa de discordância ficou maior que da assertiva anterior, cerca de 28,42%, o que representa 28 professores. Apenas 5,88% permaneceram indiferentes.

Gráfico 17 - Home office e jornada de trabalho - carga horária.



Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 18 - Home office e jornada de trabalho - mistura de tarefas.



Fonte: Dados da pesquisa.

O Quadro 4 lista alguns relatos que reforçam a constatação de sobrecarga de trabalho, pelo excesso de telas para atender às inúmeras lives, reuniões, treinamentos, aulas, atendimentos. Esse cenário reforça a indistinção entre horário de trabalho e não trabalho, fazendo parecer que é preciso estar à disposição e atento todos os dias, seja manhã, tarde ou noite.

Quadro 4 - Relatos do Home office e a jornada de trabalho.

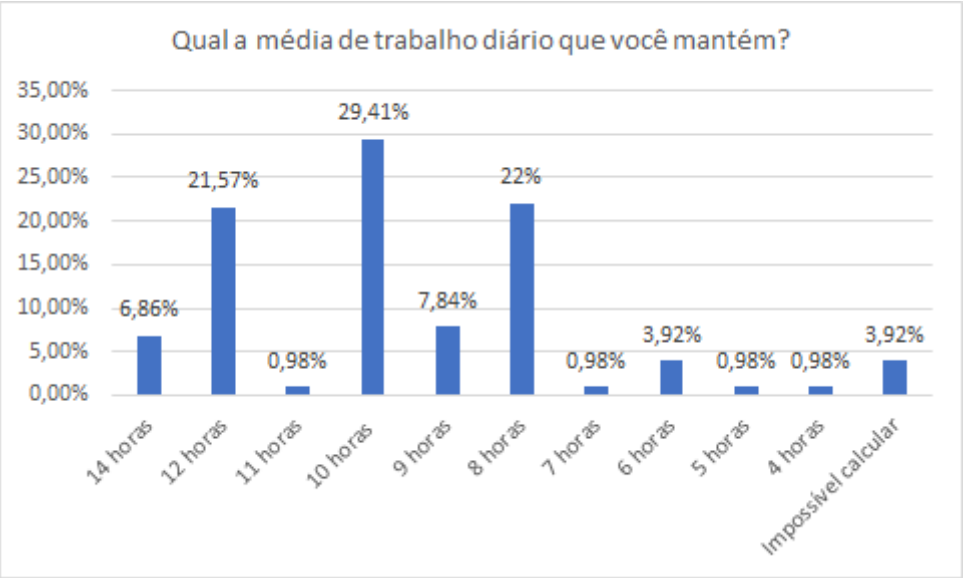
RELATOS
"Com as atividades remotas, parece que temos que estar disponíveis a todo momento. Em certos momentos, parece que estou trabalhando mais do que as minhas 40 horas."
"Excesso de lives e aumento da demanda por acompanhamento dos alunos de forma pulverizada. Em muitos aspectos, a dinâmica digital de trabalho é mais intensa e extensa, mas menos produtiva quando comparada com o presencial."
"Reuniões, palestras, treinamentos online (principalmente aqueles relacionados à utilização do Moodle. Foram muito "em cima da hora", com excesso de informação não sendo possível a gente aprender a utilizar todos os recursos essenciais às aulas online). Ainda necessito ligar para alguns colegas para esclarecer dúvidas, pois nem sempre os bolsistas que estão nos apoiando compreendem minhas dúvidas). Todas essas atividades geram muita sobrecarga."
"A completa falta de horários de trabalho, muitas vezes interpretada como disponibilidade de tempo integral para reuniões, correções de trabalho, gravações de aula, inclusive à noite. Não recebemos apoio material (informático) e pouco apoio pedagógico."
"1) A preparação de aulas síncronas exige um tempo maior de dedicação, pesquisa, produção de apresentação, roteiro para explanação, curadoria de materiais didáticos acessíveis para os estudantes no meio digital. 2) A correção de atividades integralmente no meio digital tem causado exaustão física e adoecimento. 3) Reuniões em tempo excessivo."
"A ausência de momentos sem vinculação ao trabalho. Não há horário, não há dia da semana. A todo momento o trabalho acaba por demandar atenção."
"O cansaço que as horas seguidas em frente ao computador causaram. No fim do dia não conseguia mais ter a mesma concentração, vistas e cabeças cansavam."

Fonte: Dados da pesquisa.

A média de horas que os professores laboram (vide Gráfico 19), em sua maioria, é de 10 horas por dia. Essa carga horária foi declarada por 29,41%, ou seja, 30 docentes. 21,57% trabalham cerca de 12 horas por dia e outros 22%, 8 horas. 7,84% disseram que trabalham 9 horas por dia e 6,86% afirmaram que trabalham 14 horas por dia (Gráfico 19).

A porcentagem de docentes que trabalham além do horário estabelecido é expressivamente muito superior àqueles/as que trabalham somente a carga horária de 8h, que seria o ideal considerando a forma de contratação que é de 40h ou 40h/DE. Isso reflete a sobrecarga do corpo docente conforme mencionado nos Gráficos 17, 18 e Tabela 4, e a dificuldade em estabelecer “limites” entre o online e o offline.

Gráfico 19 - Média de horas de trabalho diário.



Fonte: Dados da pesquisa.

A sobrecarga de trabalho foi um dos, se não o maior, dos desafios e dificuldades vivenciadas pelos/as docentes. Importa ressaltar que contraditoriamente o fato de estarmos submetidos/as ao trabalho remoto, ao mesmo tempo em que foi possibilitado vivenciar o isolamento social, condição necessária para a segurança sanitária, também imbricou de modo nunca vivenciado pela categoria, a vida profissional da profissional, afinal a nossa casa tornou-se o local de trabalho.

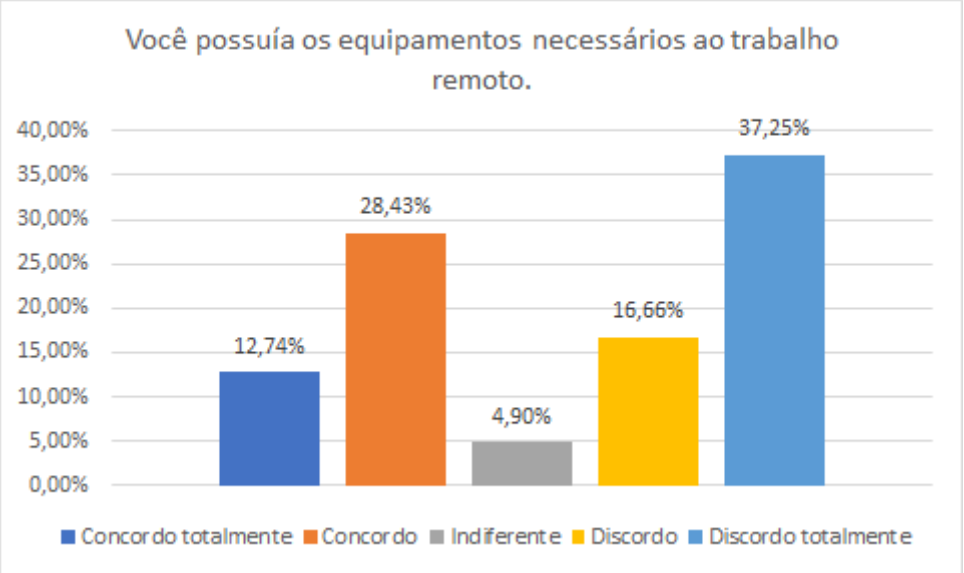
Tal cenário trouxe dilemas não apenas de ordem material e objetiva, mas também de ordem imaterial e subjetiva, uma vez que a casa, lar do/a docente é conformado pelas relações familiares, em que pais idosos, filhos pequenos e adolescentes, familiares com deficiência, gestantes, dentre outros, requerem um cuidado e atenção específicos, próprios da relações afetivas e familiares, e a reorganização do trabalho presencial para o remoto, ou seja, o trabalho diário e ininterrupto a partir de dentro da casa do/a docente traz prejuízos a tais relações assim como tais relações podem interferir negativamente na atividade laboral, assim como os dados demonstraram.

Em seguida, foram apresentadas duas afirmativas aos professores para descobrir o grau de discordância e concordância quanto à assertiva “Você possuía os equipamentos necessários ao trabalho remoto?” (Gráfico 20). Mais da metade dos/as docentes (53,91%) discordam dessa afirmação, ou seja, cerca de 55 respondentes.

41,17% concordam que já possuíam os equipamentos necessários para o home office. Apenas 4,9% mantiveram-se indiferentes.

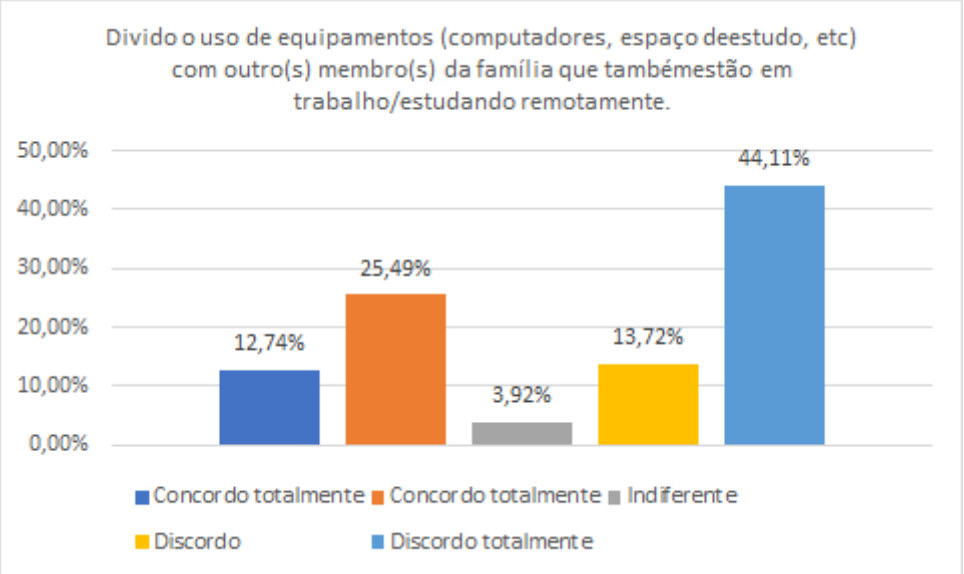
Quanto à afirmativa “Divido o uso de equipamentos com outro(s) membro(s) da família que também estão em trabalho/estudando remotamente.”(Gráfico 21) obteve um grau de discordância de 57,83%, cerca de 59% dos respondentes. Entretanto, 38,23% concordam com essa assertiva, o que representa 38 entrevistados. Apenas quatro pessoas, 3,92%, foram indiferentes.

Gráfico 20 - Home office e infraestrutura - equipamentos de uso exclusivo.



Fonte: Dados da pesquisa.

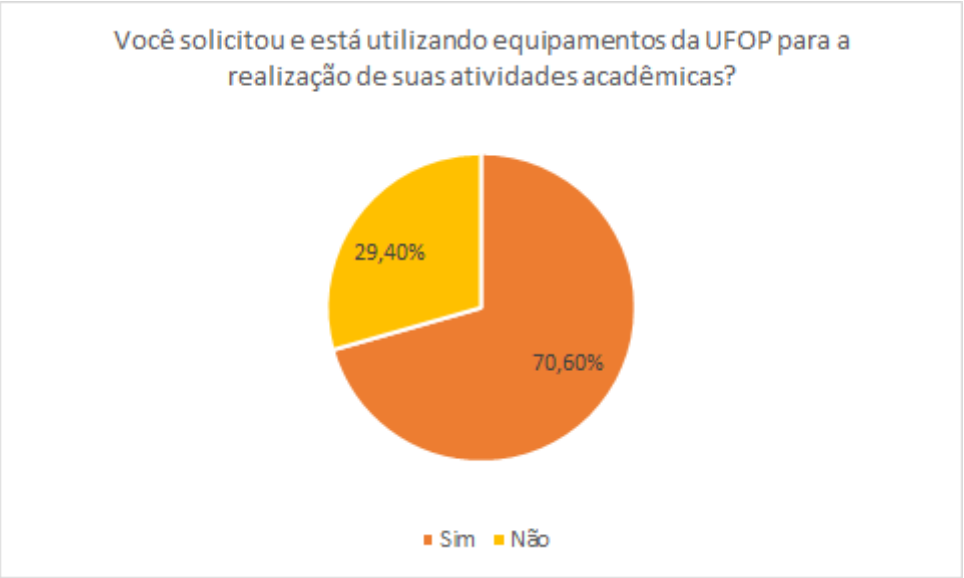
Gráfico 21 - Home office e infraestrutura - equipamentos compartilhados.



Fonte: Dados da pesquisa.

Foi perguntado ao corpo docente se eles solicitaram equipamentos à UFOP (Gráfico 22). 72 professores (cerca de 70,9%,), não solicitaram equipamentos. Os outros restantes, disseram que sim.

Gráfico 22 - Equipamentos da UFOP.



Fonte: Dados da pesquisa.

Aos professores que solicitaram equipamentos da UFOP, foi questionado qual foi o equipamento solicitado (Tabela 5). 62,86% disseram que solicitaram computador, notebook, monitor e/ou mouse. 22,86% requisitaram mesa, cadeira e/ou quadro. Os outros 14,3% foram distribuídos em objetos mais específicos (lupa binocular, impressora, rede Wi-fi, teclado musical e câmera fotográfica).

Tabela 5 - Equipamentos solicitados à UFOP.

Equipamentos solicitados	Percentual	Frequência
Computador, notebook, monitor e/ou mouse	62,86%	22
Mesa, cadeira e/ou quadro	22,86%	8
Lupa binocular	2,86%	1
Impressora	2,86%	1
Rede Wi-fi	2,86%	1

Teclado (instrumento musical)	2,86%	1
Câmera	2,86%	1
Total	**100%**	**35**

Fonte: Dados da pesquisa.

Tais questionamentos explicitam que o ensino remoto não acontece apenas por meio de um computador ou notebook e acesso à internet. As diferentes áreas do conhecimento requerem equipamentos específicos à sua realização. Importa evidenciar, que a casa do/a docente pode não comportar a instalação desses equipamentos e a própria readequação da atividade laboral a partir do ensino remoto.

Por mais que não tenha sido indagado no questionário, mas foi recorrente, a partir do diálogo entre colegas docentes, e a informação chegou até a diretoria da ADUFOP, por isso trazemos para complementar a reflexão, o fato de que muitos/as docentes mudaram de moradia no momento em que a atividade laboral deixou de ser presencial nas cidades em que a UFOP possui campus. Isso se deu por inúmeros fatores, seja para permanecer mais próximo a familiares que residem em outras regiões, seja pela necessidade de readequação da moradia considerando que ela passou a ser também o espaço de trabalho. Tal contexto tem relação direta com a demanda por equipamentos e suportes para a realização das atividades docentes.

Prosseguindo, foi disponibilizado um espaço para que os professores pudessem dar suas opiniões e sugestões acerca do semestre letivo ofertado em modo remoto (Tabela 6). 56,25% dos entrevistados afirmaram que perceberam uma defasagem no ensino e aprendizagem dos alunos. 34,38% sentiram a falta de um planejamento por parte da instituição para o semestre. 21,88% reforçam a sobrecarga que receberam e 9,38% disseram que a UFOP não ofereceu suporte.

Todas essas percepções por parte do corpo docente enfatizam as dificuldades vivenciadas no ensino sob o formato remoto.

Tabela 6 - Considerações sobre 2020.1

Demandas apresentadas	Percentual	Frequência
Defasagem no ensino e aprendizagem	56,25%	18
Ausência de planejamento	34,38%	11
Sobrecarga da jornada de trabalho	21,88%	7
A UFOP não oferece suporte	9,38%	3
Trabalho remoto contribuiu para diminuir a disseminação do vírus	3,13%	1
Problemas de saúde	3,13%	1
Total	**100%**	**32**

Fonte: Dados da pesquisa.

As considerações dos professores sobre a experiência do semestre remoto em 2020.1 reúne o que os demais dados quantitativos já apresentaram: insatisfação com a política e suporte institucional prestados pela administração da Universidade; preocupação quanto às condições de acesso à tecnologia pelos alunos e alunas para acompanhamento das aulas e atividades; exaustão pelo elevado volume de trabalho e curto espaço para descanso e planejamento pedagógico entre os semestres; preocupação com o processo de aprendizagem dos alunos; preocupação em desenvolver a atividade docente com qualidade; inquietação quanto ao futuro do ensino superior público no país. Esses e tantos outros aspectos são relatados nas falas expostas no Quadro 5.

Quadro 5 - Relatos das considerações sobre o semestre 2020.1

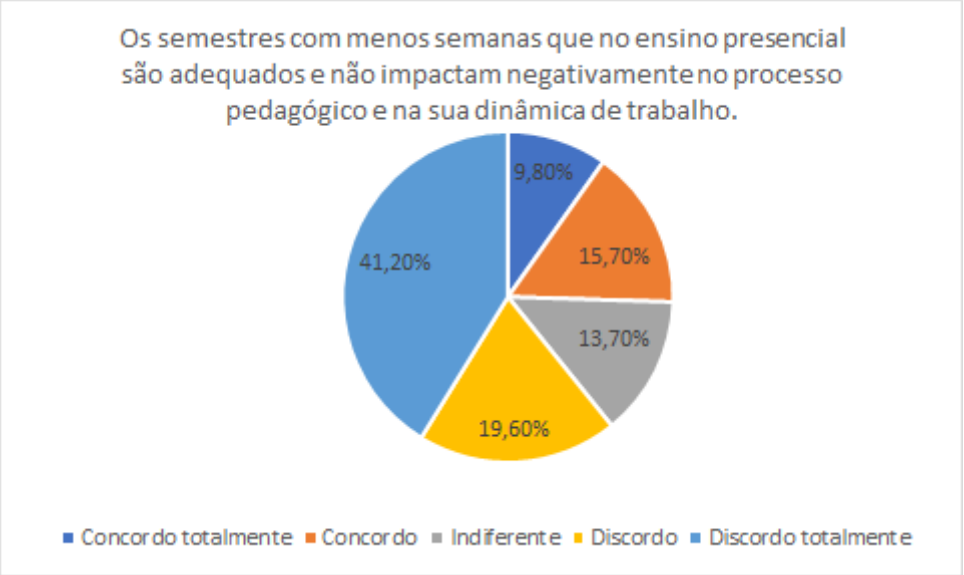
RELATOS
"Não tive informações sobre como a UFOP resolveu os problemas de conectividade e equipamentos de alguns alunes que não tinham, em 2020, condições de seguir com o ensino remoto. A Universidade deveria ter apresentado periodicamente as ações que implementou para tentar minimizar esse problema e, sobretudo, os resultados, satisfatórios ou não, dessas ações. Ao meu ver, faltou mais transparência nesse quesito."
"O calendário acadêmico foi alterado (Boletim Administrativo 24.05.21) e o período de férias foi reduzido: agora teremos apenas 2 semanas entre um semestre e outro. Falamos tanto em saúde mental, mas não desenvolvemos políticas que efetivamente estejam atentas à saúde do servidor. Estou à beira da exaustão e fico pensando como nosso direito de férias trabalhistas está à mercê desse ritmo de produtividade remoto. Minha sugestão é encaminhar uma revisão sobre o período de

férias entre os semestres remotos - primeiro porque precisamos do descanso que é um direito legal e porque também é necessário ter um tempo de planejamento pedagógico adequado às necessidades do ensino remoto."
"Integrando um departamento acadêmico onde a grande maioria dos docentes ministra aulas práticas em laboratórios (embora esse não seja o meu caso), tenho testemunhado as dificuldades enfrentadas pelos colegas em conduzir as atividades e imaginado qual, de fato, será o aprendizado dos nossos alunos."
"Igualmente, será que esse trabalho, improvisado técnica e tecnologicamente, não será mais um argumento para justificar os achaques que vimos sofrendo por alguns setores da sociedade e notadamente pelo atual (des)governo?"
"Sensação de esgotamento entre os estudantes e professores. A realização de 03 semestres letivos no ano de 2021, com intervalo de 03 semanas entre um e outro torna-se esgotante. O cansaço mental torna-se maior para docentes que ocupam cargos de chefia de departamento e coordenação de curso."
"Em um período conturbado, de cenário político extremamente desfavorável à Universidade pública e seus profissionais, fico pensando o quanto a adesão a essa modalidade de atividade – sem preparo prévio e a necessária qualidade - tem e terá consequências para os profissionais e o próprio sistema de ensino público no futuro."
"Imagino que o investimento e os gastos venham sendo menores do que no processo presencial. Será que isso não servirá de argumento para uma ainda maior redução do investimento nas Federais e um 'empurrão' do sistema para a modalidade a distância?"
"A principal questão durante o semestre de 2020-1 foi a sobrecarga de trabalho somente com as atividades de ensino. Além de ter trabalhado mais de 40 horas semanais para conseguir cumprir com o plano de ensino, as atividades de pesquisa e extensão ficaram prejudicadas, pois não tive tempo para me dedicar a qualquer outra atividade."
"Para os cursos a distância, o calendário está correto, ou seja, estamos encerrando em julho/2021 o semestre letivo de 2021/1. Os nossos alunos da EaD tiveram muitos problemas, uma vez que os Polos de Apoio Presencial tiveram suas atividades suspensas ou reduzidas. Muitos não tinham acesso a equipamentos e internet de qualidade."

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação ao semestre letivo, foi elaborada a seguinte afirmativa: “Os semestres com menos semanas que no ensino presencial são adequados e não impactam negativamente no processo pedagógico e na sua dinâmica de trabalho.” A taxa de discordância dessa assertiva foi de 60,8%, ou seja, bem superior ao se comparar a taxa de concordância, de apenas 25,5%. 13,7% se mantiveram indiferentes (Gráfico 23). Esse resultado pode ser complementado pelo Gráfico 19, onde os professores relataram seus maiores contratempos em relação ao ensino remoto.

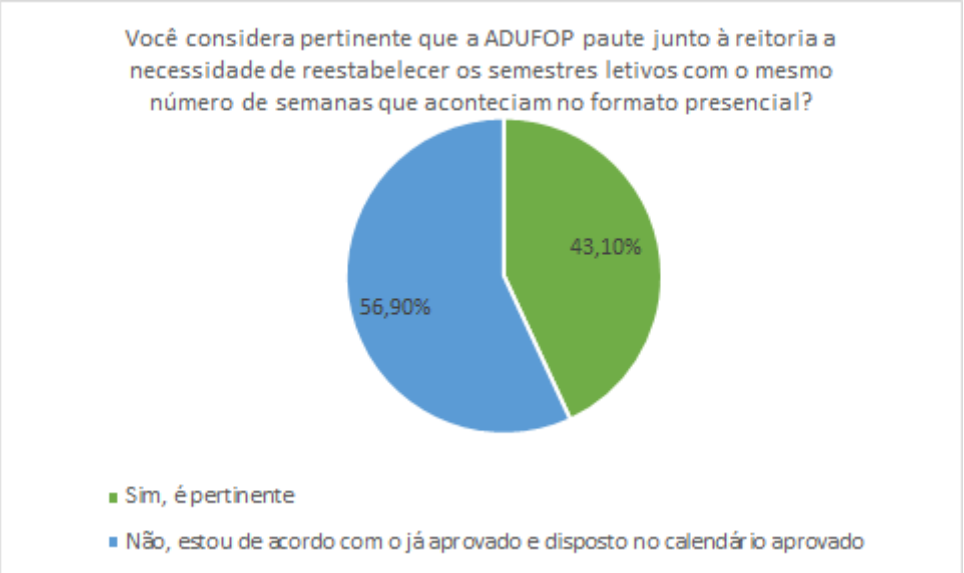
Gráfico 23 - Semestre letivo.



Fonte: Dados da pesquisa.

Apesar dos professores não concordarem com o período remoto com menos semanas, a maioria não concorda que deva haver um restabelecimento do calendário letivo então em vigência (semestres 2020-02 e 2021-01). 56,9% dos professores, cerca de 58 deles, estão de acordo com o período já aprovado e disposto no calendário. Os outros 44 professores, 43,1%, se mostraram a favor (Gráfico 24).

Gráfico 24 - Opinião dos professores acerca do calendário acadêmico.

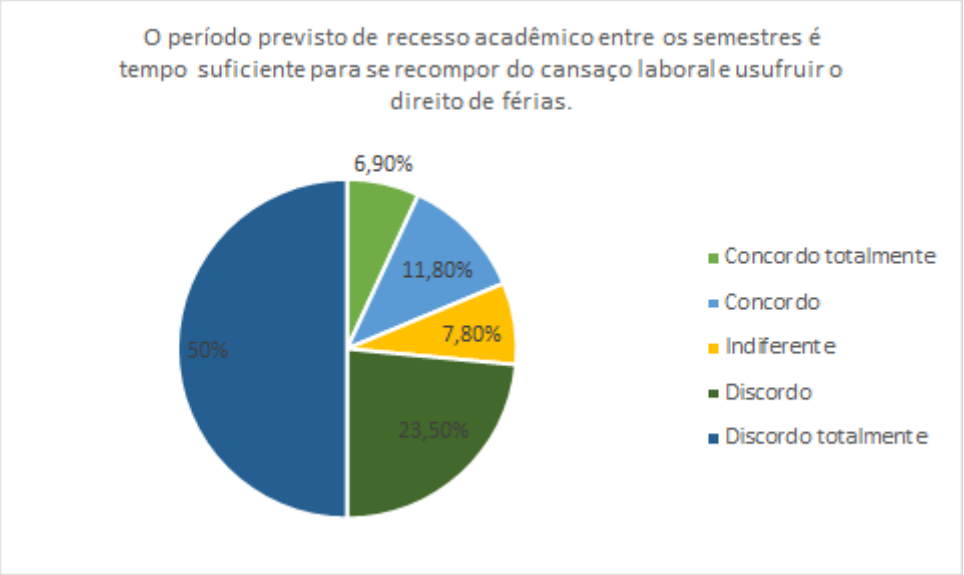


Fonte: Dados da pesquisa.

Entretanto, apesar de a maioria ser contra o reestabelecimento do semestre letivo com um maior número de semanas, 73,5% dos/as docentes afirmaram que o período de recesso entre os semestres não é tempo suficiente para se recompor do cansaço laboral e usufruir o direito de férias. O grau de concordância para essa pauta foi de apenas 18,7%, e os outros 7,8% se mostraram indiferentes (Gráfico 25).

Quando analisadas com questões anteriores apresentadas, como por exemplo a sobrecarga de professores, o impacto do ensino remoto juntamente com os afazeres domésticos e afins, percebe-se que o período remoto vem sendo bastante dificultoso para a grande maioria do corpo docente.

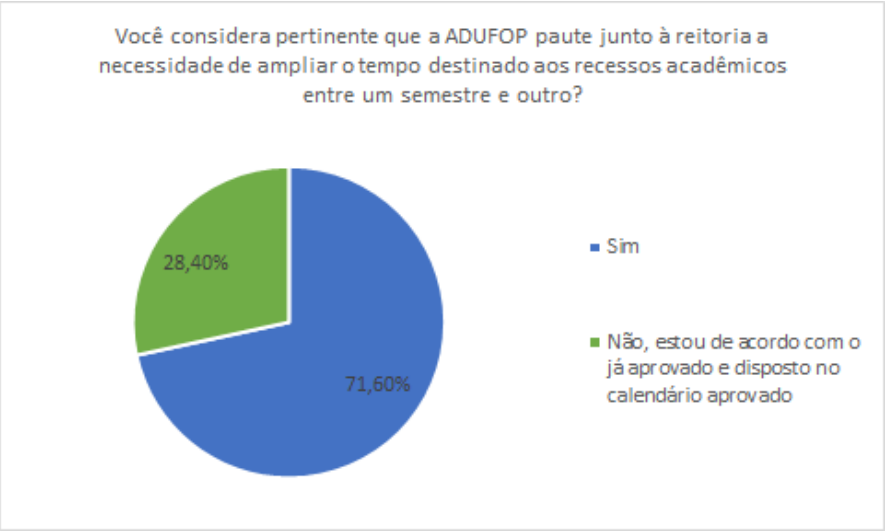
Gráfico 25 - Semestre e recesso acadêmico.



Fonte: Dados da pesquisa.

Quando perguntados em relação ao tempo de recesso acadêmico (Gráfico 26), se concordavam com a ampliação do tempo entre um semestre e outro, 71,6% dos respondentes mostraram-se a favor, o que representa um universo de 73 professores. O restante, cerca de 29 entrevistados, 28,4% disseram que estão de acordo com o tempo de recesso atual.

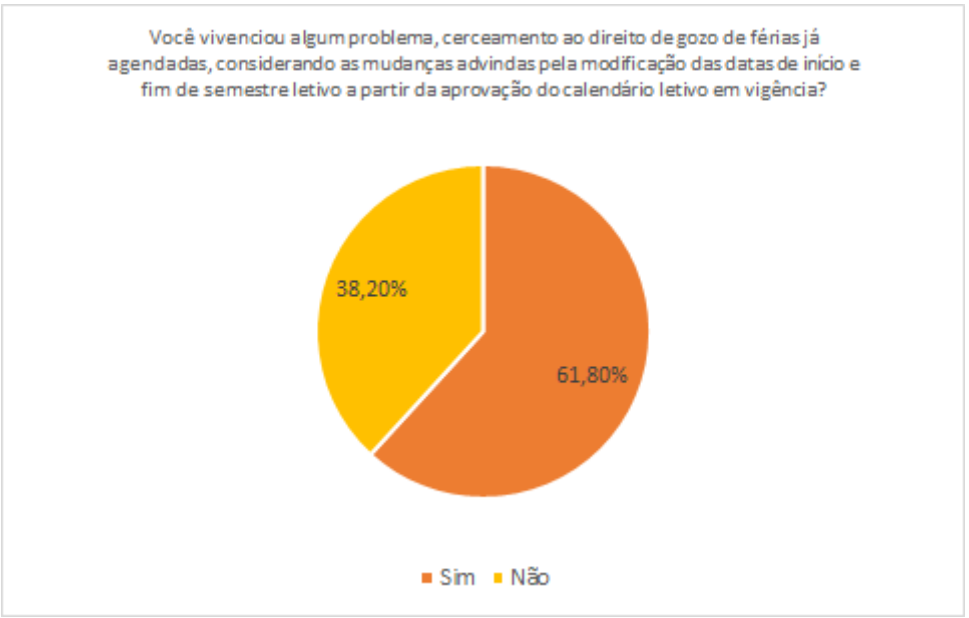
Gráfico 26 - Recesso acadêmico.



Fonte: Dados da pesquisa.

A maioria do corpo docente, cerca de 61,80%, afirmaram que tiveram algum problema em relação às mudanças do período letivo, datas e calendário, o que afetou o planejamento de férias e afins. 38,20% disseram que não tiveram suas férias e descanso afetados por alterações no calendário acadêmico.

Gráfico 27 - Férias em período remoto.



Fonte: Dados da pesquisa.

A partir de tudo o que já foi exposto enquanto dados e reflexões, é possível perceber, a partir desse questionamento sobre o tamanho estabelecido pela gestão

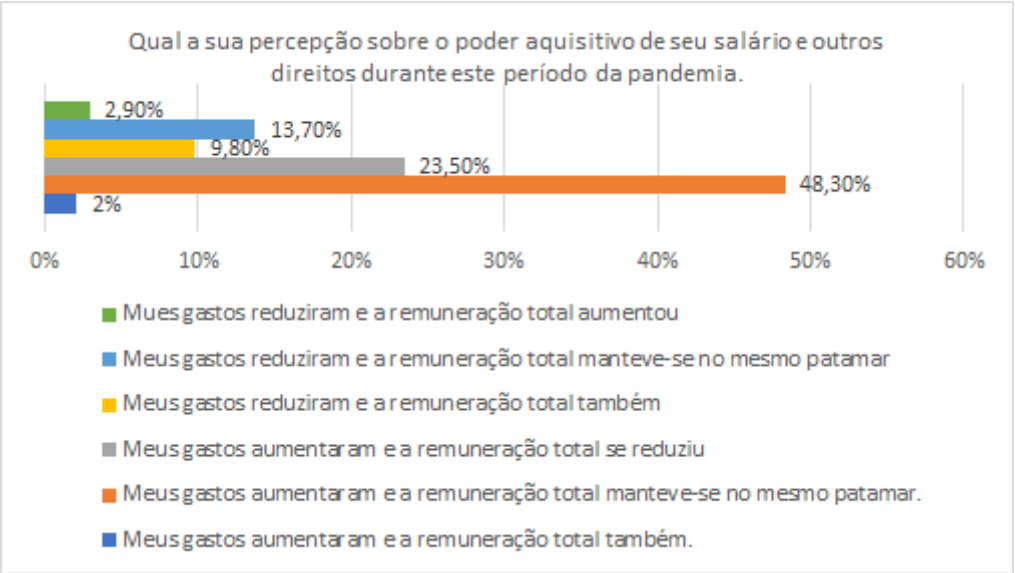
da universidade para os semestres letivos em ensino remoto, bem como, sobre o calendário acadêmico e período de recesso e férias, que tais questões carecem de um amplo debate junto e a partir da comunidade acadêmica.

Reconhece-se a importância e o caráter deliberativo das instâncias da universidade, porém é preciso partir da realidade concreta, especialmente após três semestres nesse formato de ensino, ou seja, é preciso considerar as lacunas vivenciadas e não superadas, que não podem ser naturalizadas; é preciso considerar o cansaço e o adoecimento que se abateu sobre docentes e discentes; é preciso considerar e não se afastar da premissa que esta modalidade de ensino é de caráter excepcional e não pode ser ainda mais desafiadora de ser realizada a partir de curtos períodos letivos.

É fundamental que a comunidade acadêmica não deseje igualar os semestres do ano civil aos semestres letivos/acadêmicos, no sentido de equiparar calendários (civil e acadêmico) às custas do apressamento e encurtamento dos semestres acadêmicos. Apontamos que são inúmeras as atividades desenvolvidas ao longo de um semestre letivo, tais como: TCC´s, pesquisas, extensão, estágio, etc, não apenas o ensino em disciplinas - que aparentemente não sofre maior defasagem se forem reduzidas algumas semanas para a sua execução. A realidade concreta vivenciada por docentes e discentes explicita que semanas a menos em muito prejudica tais componentes curriculares, pois o discente deverá cumprir a mesma carga horária que foi prevista e está materializada nos projetos pedagógicos dos cursos, que são presenciais. Então transpor a realização para o ensino remoto e ainda diminuir o tamanho do período para a realização é colocar mais desafios e dificuldades a este contexto por si só já precarizante e precarizado.

Em relação a percepção dos professores sobre o poder aquisitivo do seu salário na pandemia (Gráfico 28), 61,5% afirmaram que as despesas aumentaram. Isso representa um universo de 73 pessoas. 48% disseram que os gastos aumentaram e a remuneração se manteve a mesma, entretanto, 23,5% relataram que os gastos aumentaram e o salário diminuiu. Já 13,7% disseram que os gastos diminuíram e o salário se manteve no mesmo patamar. 9,8% afirmaram que os gastos e a remuneração diminuíram. Apenas 2,9% acharam que seus gastos reduziram e a remuneração aumentou e 2% concordam que ambos aumentaram.

Gráfico 28 - Percepção sobre o poder aquisitivo do salário na pandemia.



Fonte: Dados da pesquisa.

Este alarmante dado, explicita o árduo contexto de sobrevivência e vida da classe trabalhadora brasileira em contexto de crise do capital. A posição ultra liberal assumida pelo governo federal por meio de sua política econômica tem acirrado o antagonismo entre as classes sociais. Para a burguesia e suas frações, o lucro exorbitante em meio ao contexto de pandemia e morte de mais de 600 mil pessoas em nosso país, para a classe trabalhadora, acirramento, fome, arrocho, a volta das filas por ossos em açougues, o despejo, a perda do poder aquisitivo do salário.

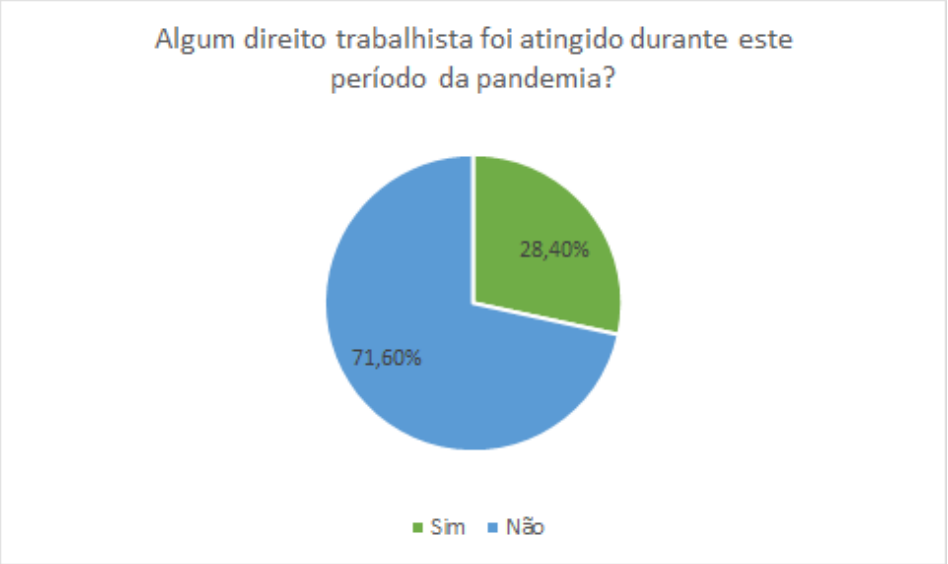
A situação de empobrecimento atingiu diretamente os trabalhadores informais e com menor remuneração, mas não deixou de atingir nós, docentes funcionários públicos federais. Situação que tem suas raízes nas (contra) reformas previdenciária, trabalhista e na iminência da administrativa (PEC 32), a qual estamos nos dias de hoje incansavelmente lutando contra e resistindo à sua aprovação.

Os direitos trabalhistas dos professores, de maneira geral, não foram violados para a maioria dos/as docentes(71,60%/73 pessoas). Em contrapartida, 28,40% afirmaram que tiveram seus direitos, de alguma maneira, violados (Gráfico 29). Isso pode estar relacionado ao fato de muitos professores terem seus planejamentos e compromissos de férias adiados em razão da forma dada ao calendário acadêmico no contexto de ensino remoto. Inclusive, é relevante mencionar que no semestre 2020-/2 o calendário sofreu modificação, ampliando-se em uma semana, e tal ação e

informação somente foi amplamente divulgada pela gestão da universidade em véspera de finalização do semestre letivo, o que gerou situações de pressão e assédio sobre os/as docentes. Importa ressaltar que este levantamento foi aplicado antes desse fato, portanto, tais situações de pressão e assédio não foram manifestas nas respostas coletadas, mas ocorreram no período de final de agosto e primeira semana de setembro do corrente ano.

Somam-se a isso medidas adotadas pelo Governo Federal que impõem cortes de adicionais como insalubridade e transporte, para servidores em exercício laboral remoto.

Gráfico 29 - Direito trabalhista na pandemia.

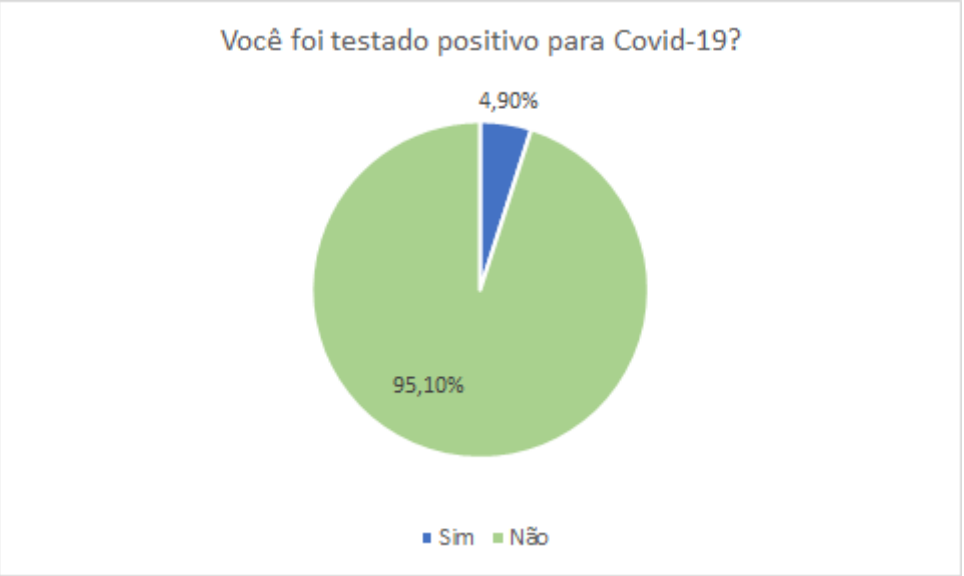


Fonte: Dados da pesquisa.

Saúde e Retorno Presencial

Foi perguntado aos professores acerca da apresentação de teste positivo para a Covid-19 (gráfico 30). 4,9%, isto é, 5 professores, testaram positivo para essa doença. O restante, 95,1%, testou negativo. Esses resultados confirmam a importância e a necessidade do isolamento social para garantir condições de sobrevivência sanitária diante desta situação tão exigente que está sendo a pandemia da COVID-19.

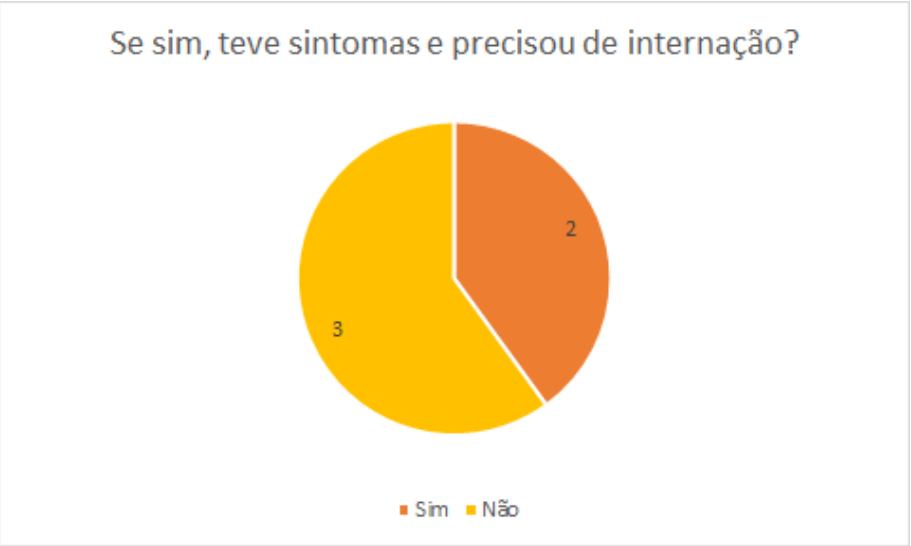
Gráfico 30 - Covid-19 e testagem.



Fonte: Dados da pesquisa.

Os professores que testaram positivo para o Covid, predominantemente, não precisaram de internação. Porém, 2 deles precisaram ficar internados (Gráfico 31).

Gráfico 31 - Covid-19 e sintomas.



Fonte: Dados da pesquisa.

Seguindo pela mesma linha, 3 dos profissionais que contraíram a doença precisaram se afastar, 2 não precisaram. Essa situação explicita que o direito à licença saúde é fundamental, que deve ser garantido aos/às trabalhadoras a fim de recomporem-se quanto à condição de saúde. Estes direitos, atualmente tão ameaçados pelas (contra) reformas são imprescindíveis à nossa própria sobrevivência biológica.

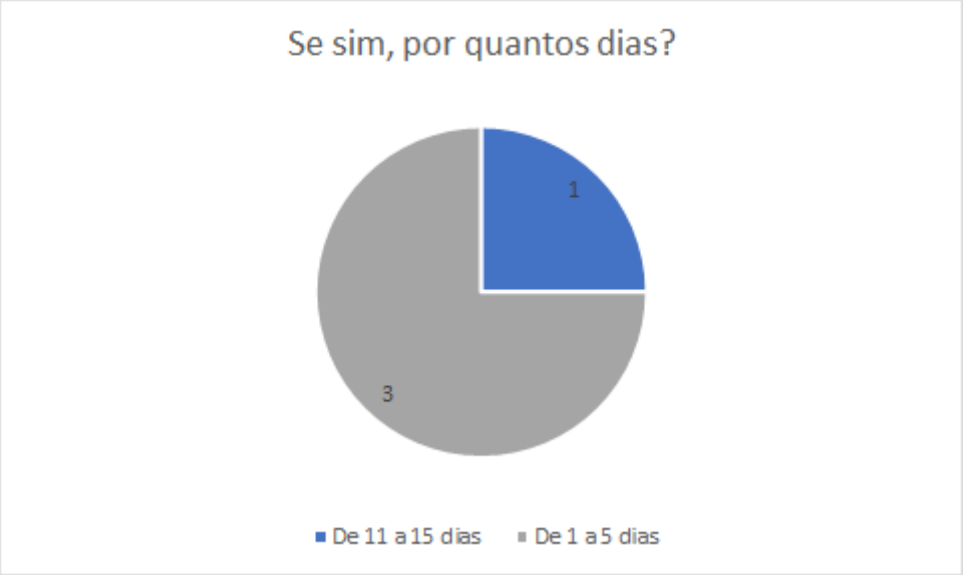
Gráfico 32 - Covid-19 e trabalho.



Fonte: Dados da pesquisa

Dos professores que precisaram se afastar (3 profissionais), apenas 1 destes precisou ficar afastado pelo período de 11 a 15 dias, os outros permaneceram ausentes de 1 a 5 dias (Gráfico 33).

Gráfico 33 - Covid-19 e complicações.

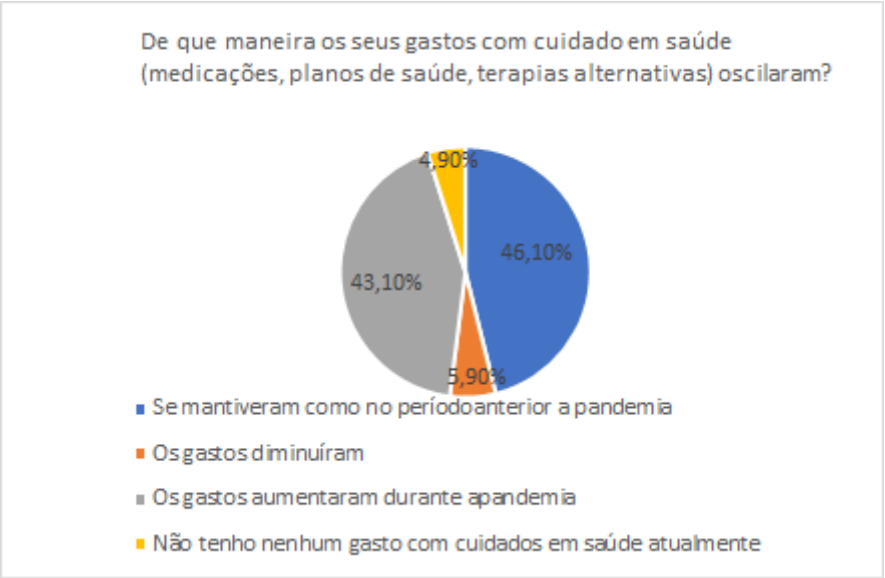


Fonte: Dados da pesquisa.

Quando questionados se obtiveram apoio de suas chefias imediatas, 100% dos respondentes disseram que sim, o que pode ser capaz de mostrar uma preocupação para com os colegas de trabalho.

Os gastos com planos de saúde, medicações, terapias alternativas na pandemia se mantiveram os mesmos para 46,10% dos entrevistados. Todavia, para 43,10% estes gastos aumentaram. Para 5,90% dos/as docentes os gastos diminuíram, e 4,90% disseram que não têm gasto com cuidados em saúde atualmente (Gráfico 34).

Gráfico 34 - Gastos com saúde na pandemia.

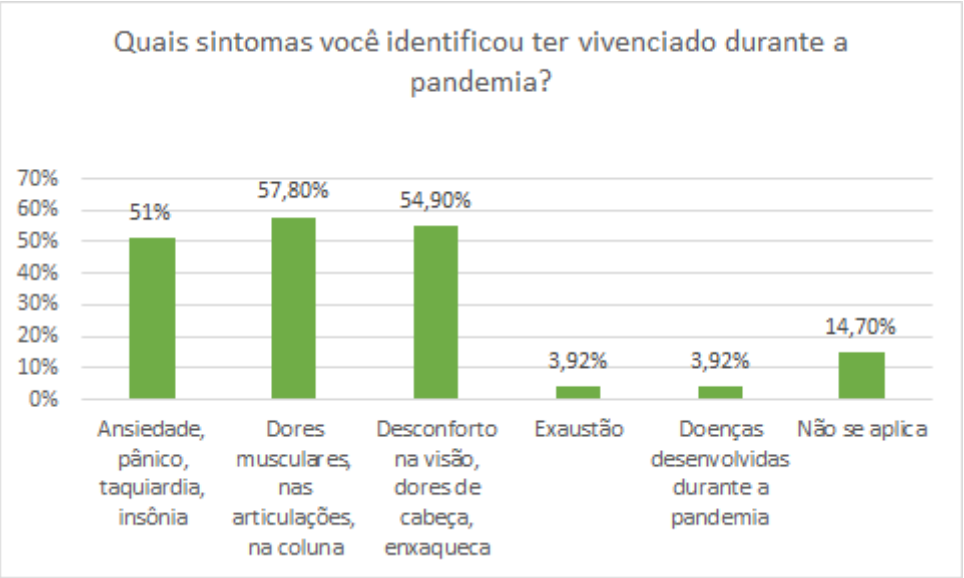


Fonte: Dados da pesquisa.

Ainda, em relação à saúde, os professores vivenciaram muitos sintomas de adoecimento ao longo da pandemia e trabalho remoto (Gráfico 35). Cerca de 57,80% afirmaram ter dores musculares, nas articulações e na coluna. 54,90% disseram ter desconforto na visão e dores de cabeça recorrentes. 51% demonstraram ansiedade, pânico, taquicardia e insônia. 3,92% desenvolveram doenças na pandemia e outros 3,92% relataram exaustão. 14,70% não tiveram nenhum sintoma.

Os diversos sintomas trazidos pelos professores explicitam ter relação direta com a jornada de trabalho que aumentou consideravelmente e com a sobrecarga laboral como mostrado nos gráficos anteriores. Também, decorrem da ordem subjetiva, uma vez que tal situação de pandemia é nova a esta geração e desencadeia incertezas sobre o futuro. Os dados apresentados pela nossa pesquisa são reforçados por outro estudo interno, o PADu Covid, em seus resultados preliminares. Nesse estudo, observou-se elevada prevalência de sintomas de transtornos de ansiedade, depressão e estresse, em toda a população acadêmica (discentes, docentes e TAEs), onde os sintomas relacionados à depressão encontrados foram os mais elevados (fonte; divulgação interna).

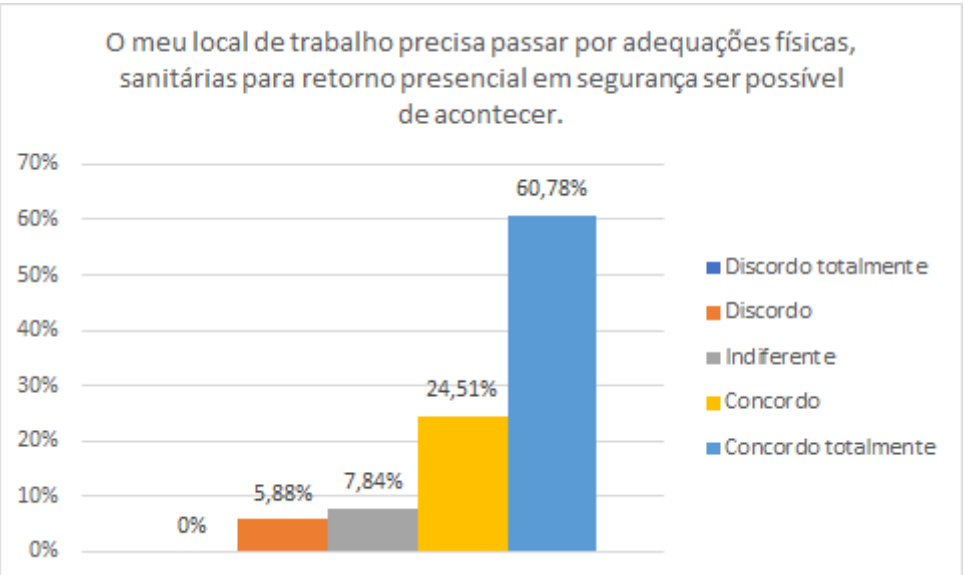
Gráfico 35 - Sintomas na pandemia.



Fonte: Dados da pesquisa.

Outra ênfase relevante do questionário é acerca do retorno presencial (Gráfico 36). Quando indagados/as sobre tal questão, 85,29%, cerca de 87 professores, concordam que o local de trabalho precisa passar por adequações físicas, sanitárias para o retorno presencial em segurança ser possível acontecer. Apenas 5,88% discordaram e 7,84% demonstraram ser indiferentes.

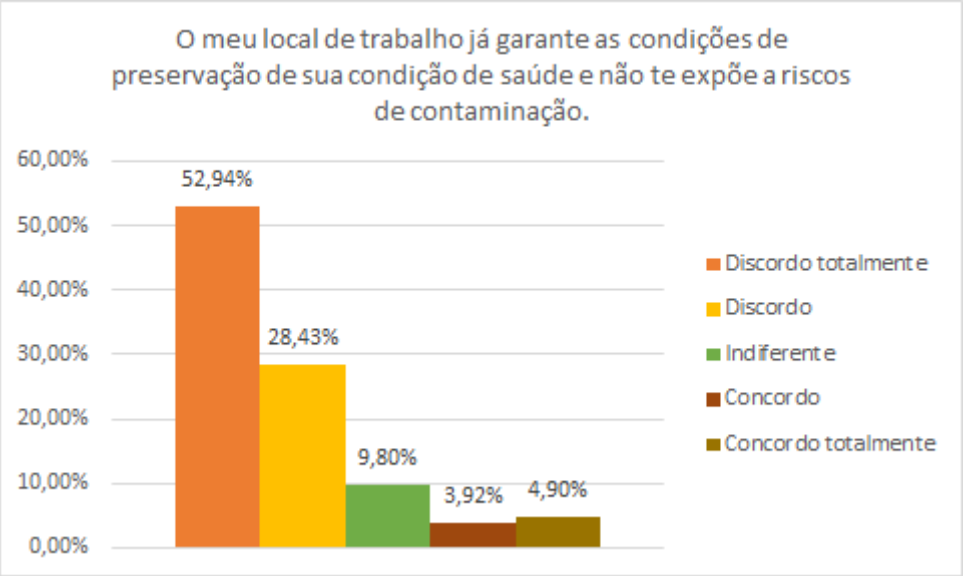
Gráfico 36 - Covid-19 e retorno presencial - adequações.



Fonte: Dados da pesquisa.

Como observado anteriormente, os/as docentes prezam e esperam por um retorno seguro e não sob risco (Gráfico 37). Dessa forma, 81,37% dos/as entrevistados/as acreditam que o local de trabalho não garante condições de preservação em relação à saúde e concordam que estão se expondo aos riscos de contaminação. 8,82% dos/as docentes concordam que o local já garante tais condições, e 9,80% se mostraram indiferentes.

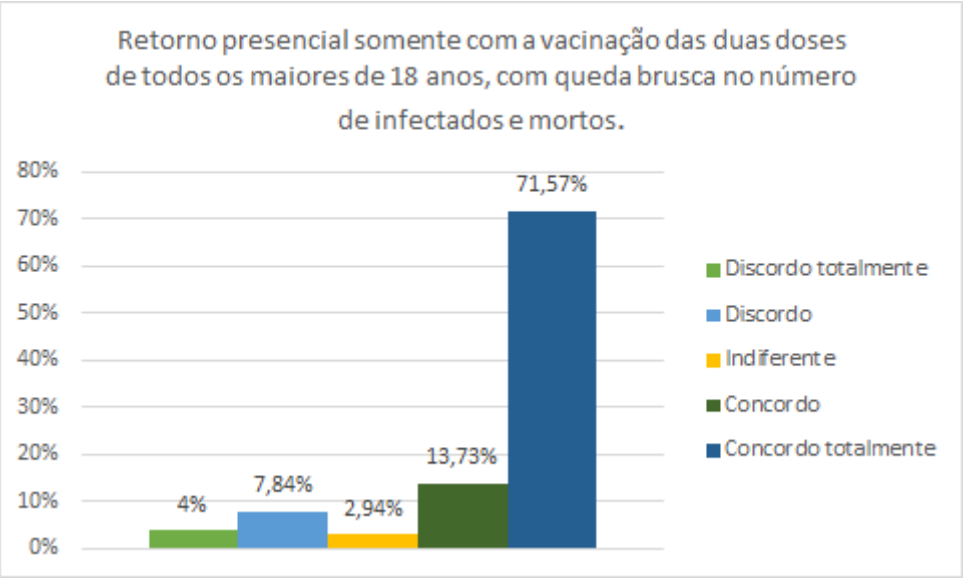
Gráfico 37 - Covid-19 e retorno presencial - risco de exposição.



Fonte: Dados da pesquisa.

85,3% dos professores estão de acordo que o retorno presencial só deve ocorrer com a vacinação das duas doses para todos maiores de 18 anos, e com queda brusca no número de infectados e mortos. 11,84% discordam dessa possibilidade e 2,94% não souberam opinar (Gráfico 38).

Gráfico 38 - Retorno presencial e Covid- 19 - vacinação.



Fonte: Dados da pesquisa

Reforçando todos os dados apresentados anteriormente, o Gráfico 37 aponta a opinião dos respondentes acerca do retorno presencial. 56,3% acreditam que a volta deve ocorrer com todos vacinados e com condições sanitárias necessárias. 27,27% defenderam a ideia de que o retorno deve ocorrer após melhorias em espaços coletivos. 7,27% concordam com o modelo híbrido e outros 7,27% querem a volta o mais breve possível. Apenas 1,82% não concordam com a volta.

Os dados apresentados nos Gráficos 36-38 e na Tabela 7 mostram que os/as docentes estão preocupados, em sua maioria, que o retorno presencial aconteça de forma segura para todos.

Tabela 7 - Condições para o retorno presencial.

Condições apresentadas	Percentual	Frequência
Concorda com a volta depois de todos vacinados e com condições sanitárias	56,37%	31
Concorda com a volta após melhorias em espaços coletivos	27,27%	15
Concorda com o modelo híbrido	7,27%	4
Concorda com a volta o mais breve possível	7,27%	4

Não concorda com a volta	1,82%	1
Total	**100%**	**55**

Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados indicam que os professores entendem a importância do retorno presencial, mas, a maior parte deles, manifestam preocupação com as condições que esse retorno irá demandar da instituição, enquanto adequação das condições sanitárias, por exemplo. Os relatos listados abaixo (Quadro 6) manifestam as preocupações e, dentre eles, questionamentos sobre qual a infraestrutura disponível para atender potenciais casos em caso de surto de Covid-19.

Quadro 6 - Relatos acerca das condições para o retorno presencial.

RELATOS
“O retorno será possível se forem garantidas medidas de biossegurança para toda a sociedade, não só para a comunidade acadêmica. Pois a maior circulação de pessoas aumenta o risco de contaminação.”
“Que sejam realizadas modificações estruturais nos espaços físicos como salas de aula, laboratórios, RU, bibliotecas, banheiros, cantinas e demais, que tenha álcool em gel disponível nos espaços físicos, que se garanta ventilação e espaçamento nas salas de aula especialmente. Que o retorno não seja em formato híbrido, considerando todas as limitações que esta modalidade porta em si mesma.”
“A adequação dos espaços físicos e banheiros é urgente. A ventilação das salas, com circulação de ar é fundamental. A criação de programas de convivência, de apoio à saúde mental dos docentes será fundamental (a Prace não tem programas para nós ou os tem com pouca divulgação?), a criação de espaços de convivência. Teremos os efeitos da pandemia aliados à pressão gigante por produção, como se o tempo perdido fosse recuperado com o aumento das atividades. A manutenção das planilhas de progressão flexibilizadas. A oferta de atividades de prevenção a doenças por parte da instituição (nunca mediram minha pressão ou testaram minha glicose, nunca olharam a ergonomia de minha sala, nunca ofereceram atividades esportivas ou reservaram para os docentes um horário no ginásio, por exemplo).”
“Penso que para o retorno presencial é necessária a realização adequações nos espaços de trabalho a fim de atender às orientações da OMS. Também será necessário investir em máscaras, álcool em gel e sabão para toda comunidade universitária. É um absurdo, mas em várias ocasiões os banheiros do ICEB sequer tinham sabão. Considero importante pensar como a(o)s estudantes utilizarão o restaurante universitário. Finalmente, e talvez mais importante é que o retorno seja realizado após a vacinação da maioria de nossa população."
“Se esse retorno for implementado com a condição de afastamento social mínimo, considero impossível que alguns cursos e departamentos (incluindo a ENUT) tenham condição de fazê-lo, ou que o façam com segurança, principalmente devido às dimensões e à capacidade de atendimento em salas de aula e laboratórios. Teríamos tantas turmas de estudantes que, nem mesmo distribuindo as atividades em três turnos, seria suficiente. Pelo mesmo motivo, o número de docentes e técnicos teria de ser redimensionado. Como, nas atuais circunstâncias, isso é praticamente impossível, antevejo precarização e intensificação do trabalho."

“O Centro de Atendimento Médico da UFOP, no campus Morro do Cruzeiro, estará bem preparado para atender casos de suspeita de COVID-19, caso ocorram na comunidade acadêmica? E no caso das cidades de Mariana e João Monlevade, o que a comunidade acadêmica deverá fazer caso haja suspeita de contaminação do novo coronavírus com membros da comunidade acadêmica? Que suporte a UFOP dará nesses casos?”

Fonte: Dados da pesquisa.

Esta questão, sem detrimento das demais, requer especial atenção da comunidade acadêmica no momento presente, uma vez que tem se acentuado a pressão por parte do governo federal-MEC para o retorno presencial a qualquer custo e sem nenhum aceno de contribuição para que ocorra de modo seguro. Podemos vivenciar essa pressão através da recente publicação da IN 90/2021, onde o trabalho presencial é autorizado nas instituições de ensino federais.

Convém ressaltar que o governo federal tem, por responsabilidade, conduzir e estruturar a educação pública no país. No entanto, o atual governo tem protagonizado o desmonte dessa política social, o desmonte das agências de fomento à pesquisa, quase que eliminado a concessão de bolsas de estudo especialmente no âmbito da pós-graduação, promovido a negação da ciência e do conhecimento produzido no país - que é majoritariamente produzido nas universidades públicas, que tem e desconsiderado qualquer possibilidade de valorização e reconhecimento dos/as trabalhadores/as da educação, seja docentes ou técnico-administrativos através da melhoria salarial e estruturação da carreira, dentre outros ataques a exemplo da escola sem partido e do Future-se.

Diante de tal cenário, em que os inimigos da educação são os responsáveis pela sua condução em nosso país, em que há um descaso com a vida da classe trabalhadora - nunca é demais repetir e reafirmar que nós docentes somos parte dessa classe social, descaso expresso no retorno da fome e da carestia, no não enfrentamento ético e compromissado à pandemia, uma vez que foi tratada como “gripezinha” pelo governo federal e seus governantes.

Remetendo a análise ao atual momento vivenciado na UFOP, recentemente a gestão da universidade através de OFÍCIO PROGRAD/REITORIA-UFOP N. 5619/2021, de Ouro Preto, 07 de outubro de 2021 indaga os departamentos sobre possíveis “Atividade Prática Presencial Adaptada (APPA)”. Situação que tem gerado muitas indagações e incertezas por parte da comunidade acadêmica.

Importa ressaltar novamente, a partir deste levantamento, que os/as docentes apontam a fragilidade e as expressivas dificuldades em relação ao trabalho e ensino remoto. Reconhecem a necessidade do ensino presencial e do seu retorno, no entanto, somente a partir de condições que garantam segurança sanitária à comunidade acadêmica.

Diante desse cenário permeado por incertezas institucionais e políticas, o que compete à comunidade acadêmica é estar atenta, não permitir movimentos que coloquem a vida de todos/as em risco, é preciso organizar-se para o diálogo e reivindicações junto à gestão da universidade e não aceitar situações que vão ao encontro de posturas impositivas e negligentes.

Nesse sentido, é fundamental que a gestão da UFOP explicite o atual contexto financeiro/orçamentário da instituição, é fundamental que apresente o que foi construído até o momento pelos vários espaços, comitês e comissões criadas para pensar, acompanhar, avaliar tanto o ensino remoto e como a questão do retorno do ensino presencial na instituição. É fundamental que seja apresentado um plano institucional, que este seja construído ouvindo a comunidade acadêmica e considerando levantamentos de dados da realidade tal qual como este apresentado.

Por fim, o último espaço do questionário foi destinado aos/às respondentes para que fizessem considerações à ADUFOP, no sentido do que a entidade deve pautar junto à gestão da UFOP, e em relação ao conteúdo do questionário. Alguns dos relatos são listados no Quadro 7.

Quadro 7 - Relatos acerca das considerações à ADUFOP e sobre o conteúdo do questionário.

RELATOS
“Pensar o calendário e o trabalho sem esta centralidade quase exclusiva no ensino de Graduação; focar na cobrança de instrumentos de planejamento coletivo (PDI esquecido!), gestão democrática e avaliação institucional global e coerente com metas estabelecidas de forma coletiva e democrática."
“Gostaria de propor à Adufop uma discussão sobre as diferenças entre os conceitos de jornada de trabalho de 40h, dedicação exclusiva e dedicação de tempo integral. Atualmente, têm sido estabelecidas atividades oficiais nos 3 turnos (manhã, tarde e noite), mesmo para os professores que não ocupam qualquer função gratificada/direção/chefia ou cargo de confiança. O salário está congelado, mas a demanda de trabalho ao longo dos 3 turnos segue em alta.”
“Questionário extremamente necessário. Agradeço a iniciativa. Senti falta de uma preocupação institucional mais ostensiva com a saúde física e mental do servidor.”
“Parabenizo a ADUFOP pela realização desse levantamento e pela proposição de demandar à administração superior um efetivo acompanhamento e auxílio aos docentes e discentes. Minha

percepção é de que, enquanto os docentes se encontram lecionando, desenvolvendo pesquisas, orientações e atividades de extensão, como se não houvesse uma pandemia, a administração superior mantém uma certa inércia referente a apoio aos docentes e a questões sobre a autonomia universitária e futuro da universidade pública. Não há, por exemplo, discussões sobre o desmonte e desqualificação da formação de professores expresso na resolução CNE/CP n1, de 27/10/2020, bem como, sobre o programa institucional de fomento e indução da inovação da formação inicial e continuada de professores e diretores escolares. Essa discussão já tem ocorrido em outras universidades como, por exemplo, a UFMG e nenhum movimento institucional é visto na UFOP. Seremos apanhados pela velocidade das imposições do atual governo na implantação de uma agenda neoliberal que se materializa na abertura para a privatização como estabelecido no programa Future-se.”

Fonte: Dados da pesquisa.

Diferentes manifestações saudaram à Diretoria 2021-2023 pela proposição do questionário e apontaram novos questionamentos acerca dessa experiência. De fato, este questionário possibilitou dimensionar o que tem sido o cotidiano de trabalho do/a professor/a da UFOP neste período de trabalho remoto emergencial. A partir desses resultados, a reflexão sobre a atividade docente em sua completude reivindica espaço. A Universidade faz muito mais que formar alunos de graduação, o trabalho docente vai muito além do ensino de graduação, embora esse seja de fundamental importância. Por esse motivo, é preciso defender que as políticas institucionais se preocupem também com a pesquisa e extensão, que estejam atentas à integridade física e mental de seus servidores, e que a administração superior mantenha o compromisso de defender a universidade pública, gratuita e de qualidade.

Considerações

As atuais circunstâncias de vida não têm sido fáceis. A pandemia da Covid-19, para além das consequências biomédicas e epidemiológicas, traz reflexões sobre transformações sociais, econômicas, políticas, culturais e históricas. Quanto ao futuro, as projeções são muito incertas, pois as narrativas ainda estão sendo construídas (MARQUES; SILVEIRA; PIMENTA, 2020).

Assim, para pautar o momento histórico presente, temos buscado conhecer a narrativa do corpo docente da UFOP em meio a esse cenário altamente desafiante. Apesar das incertezas presentes e futuras, entendemos que precisamos construir essa trajetória fundamentada na luta, em defesa da classe trabalhadora e por uma educação pública de qualidade.

Por esse motivo, estruturamos este relatório, com a finalidade de identificar como tem sido a experiência dos/as docentes da UFOP durante o período de trabalho remoto, a fim de subsidiar a atuação da entidade no diálogo e pautas a serem apresentadas à reitoria da UFOP.

Como resultado, este levantamento aponta um panorama amplo da experiência docente, suas inquietações, insatisfações e demandas, por exemplo: insatisfação com a política e suporte institucional prestados pela administração da Universidade; preocupação quanto às condições de acesso à tecnologia pelos alunos e alunas; exaustão pelo elevado volume de trabalho; dificuldade pelo curto espaço de tempo para descanso e planejamento pedagógico entre os semestres; preocupação com o processo de aprendizagem dos alunos; preocupação em desenvolver a atividade docente com qualidade; cuidado quanto às condições sanitárias para o retorno presencial; demanda por uma política de atenção à saúde mental do servidor; insatisfação quanto a evidente precarização da atividade docente; inquietação quanto ao futuro do ensino superior público no país.

Os resultados encontrados estão relacionados com a demanda por virtualizar o processo educativo em tempo recorde. Mas uma nova normalidade educativa não pode ser improvisada e protagonizada exclusivamente pelo corpo docente, é preciso responsabilidades e reorganizações institucionais e governamentais, envolvendo planejamento e capacitação (SANTOS; SILVA; BELMONTE, 2021).

As exigências que aumentam a carga horária de trabalho, ampliando a disposição *on-line* do/a professor/a, é exemplo da precarização da atividade docente. Esse modelo empresarial de ensino, repercute ainda nas dimensões financeiras, afetivas, éticas e motivacionais, ocasionando desânimo, depressão, ansiedade e exaustão no/a professor/a (SANTOS; SILVA; BELMONTE, 2021).

Diante desse cenário, algumas questões são levantadas para orientar o diálogo da ADUFOP com a gestão da Universidade, bem como, com a comunidade acadêmica de modo geral, uma vez que a situação atinge os/as trabalhadores técnico-administrativos e os discentes também:

- Quais ações institucionais estão voltadas a tratar a sobrecarga intelectual, física e social dos servidores?
- Qual debate tem sido feito em torno do aumento da disponibilidade irrestrita do servidor ao trabalho, o que tem gerado um contexto de expressivo adoecimento?
- O que tem sido construído nos diferentes comitês e comissões criados pela reitoria e pró-reitorias para pensar, acompanhar, avaliar o ensino remoto e o retorno do ensino presencial?
- Qual o atual contexto financeiro/orçamentário da UFOP? Ele viabiliza a retomada do ensino presencial, com as devidas condições sanitárias?
- Que medidas a reitoria tem adotado no sentido de reivindicar dotação orçamentária adequada para as demandas que se põem em se tratando do retorno do ensino presencial?

Estas questões, dentre outras, são preocupações que a ADUFOP manifestou desde o início da pandemia/no momento que a UFOP aderiu ao ensino remoto, inicialmente via PLE e posteriormente via retomada do calendário letivo. Por meio de notas de preocupação e de alerta, ofícios à reitoria e às pró-reitorias, e especialmente nas assembleias, o debate foi construído e conduzido criticamente frente à realidade que se constituia e era assumida. Dados dessa realidade não só na UFOP, mas também das demais universidades públicas foram explicitados por relatório construído na época, "Aulas de Graduação em Universidades F. em tempos de COVID-19: desafios e estratégias implementadas", escrito pelas professoras Amanda Nascimento e Cristina Maia e, naquele relatório já se apontava o contexto de precarização e

acirramento das questões laborais agora reafirmadas pelo levantamento ora realizado.

Que estes dados e cenário não sejam apenas estimativas quantitativas e qualitativas expressas em frases e gráficos, que sejam ferramenta para impulsionar a luta coletiva e a reivindicação por uma educação pública e de qualidade para todos.

Referências

ANDES-SN. Circular nº 202/2021. Textos de Resolução (TR) sobre o Plano Sanitário e Educacional que foram aprovados na Reunião Conjunta dos Setores das IFES, IEES e IMES como continuidade do 11º CONAD Extraordinário. Brasília (DF), 8 de junho de 2021.

ANDES-SN. Mulheres estão ainda mais sobrecarregadas durante a pandemia, aponta pesquisa. 2020. Disponível em: https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/mulheres-estao-ainda-mais-sobrecarregadas-durante-a-pandemia-aponta-pesquisa1

ANDES-SN. Caderno 2 - Proposta do Andes-SN para a universidade brasileira. Brasília-DF, 2013, 4 edição atualizada e ampliada.

MARQUES, Rita de Cássia; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres; PIMENTA, Denise Nacif. A pandemia de Covid-19: intersecções e desafios para a História da Saúde e do Tempo Presente. In: REIS, Tiago Siqueira et al (Orgs.). **Coleção História do Tempo Presente**, Volume 3. 3ed. Roraima: Editora UFRR, 2020, v. 3, p. 1-314.

NASCIMENTO, Amanda; Maia Cristina. ADUFOP. Aulas de Graduação em Universidades Federais em tempos de COVID-19: desafios e estratégias implementadas. Disponível em: https://www.adufop.org.br/post/aulas-de-gradua%C3%A7%C3%A3o-em-universidades-f-em-tempos-de-covid-19-desafios-e-estrat%C3%A9gias-implementadas

SANTOS, Geórgia Maria Ricardo Félix dos; SILVA, Maria Elaine da; BELMONTE, Bernardo do Rego. COVID-19: emergency remote teaching and university professors' mental health. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil [online]**. 2021, v. 21, n. Suppl 1, pp. 237-243.

Anexo

Perguntas do questionário:

Perfil das/os docentes:
E-mail
Departamento (opcional)
Você é sindicalizado? *Sim / Não*
Idade: *Entre 20 e 29 anos / Entre 30 e 39 / Entre 40 e 49 / Entre 50 e 59 / 60+*
Gênero: *Feminino / Masculino / Prefiro não dizer / Outro*
Possui filhos que demandaram atenção e cuidados na pandemia (em idade escolar, com questões de saúde, etc)? *Sim / Não*

Trabalho remoto e direitos trabalhistas:
Condições de trabalho neste período pandêmico
Possuía experiência e habilidades para ministrar o ensino online.
Recebi capacitação específica da UFOP para o ensino online.
Recebi o suporte necessário da UFOP e suas pró-reitorias para realizar as atividades acadêmicas (pesquisa, extensão, administração) de forma remota.

Suporte institucional
Para qual(is) atividade(s) você atribui o menor suporte na execução do seu trabalho?
E para qual(is) atividade(s) você teve o maior suporte?

De qual setor você recebeu maior apoio para realização das atividades remotas?
Chefia de departamento
Colegiado de curso
Diretoria de unidade
Pró-reitorias e Reitoria
Não recebeu apoio

Relate, se desejar, o suporte que recebeu/não recebeu da UFOP para realizar atividades acadêmicas (ensino, pesquisa, extensão, administração) de forma remota

Atividade Docente
Tive dificuldades em estabelecer práticas didático pedagógicas no ensino online.
Tive dificuldades em estabelecer metodologias de avaliação no ensino online.
Tive dificuldades na utilização de ferramentas tecnológicas e plataformas digitais para o ensino online.

Quais foram as principais dificuldades pedagógicas vivenciadas?
Estratégias metodológicas
Práticas didático pedagógicas
Utilização de ferramentas tecnológicas e plataformas digitais
Outros

Atividade Docente
Tive dificuldades em estabelecer práticas didático pedagógicas no ensino online.
Tive dificuldades em estabelecer metodologias de avaliação no ensino online.
Tive dificuldades na utilização de ferramentas tecnológicas e plataformas digitais para o ensino online.

Você optou por trabalhar o conteúdo de sua(s) disciplina(s) em que formato?
Síncrono
Assíncrono
Misto

Se disponibilizou a gravação das aulas, se sentiu seguro quanto ao direito de imagem, à liberdade de cátedra, à liberdade de pensamento?
Sim
Não
Indiferente
Não disponibilizei gravação de minhas aulas

Se não disponibilizou a gravação de suas aulas, qual o motivo?

O trabalho docente foi de alguma forma prejudicado pela necessidade de execução de atividades domésticas e de cuidado com familiares (ex. cuidado com filhos, dependentes, cuidado com a casa, etc)?

Qual atividade adicionada à sua rotina, considerando a dinâmica do trabalho remoto, mais interferiu no desempenho do seu trabalho docente?

Jornada de trabalho
A carga horária média de trabalho diário aumentou no home office.
A mistura entre vida online e offline aumentou minha disponibilidade diária ao trabalho.

Qual a média de trabalho diário que você mantém?

Equipamentos e internet
Você possuía os equipamentos necessários ao trabalho remoto.
Divido o uso de equipamentos (computadores, espaço de estudo, etc) com outro(s) membro(s) da família que também estão em trabalho/estudando remotamente.

Você solicitou e está utilizando equipamentos da UFOP para a realização de suas atividades acadêmicas?
Sim / Não
Se sim, indique quais seriam os equipamentos utilizados (mesas, cadeiras, computadores, demais equipamentos)

Espaço aberto para considerações, sugestões e reflexões acerca do semestre 2020-01

Os semestres com menos semanas que no ensino presencial são adequados e não impactam negativamente no processo pedagógico e na sua dinâmica de trabalho.
Discordo totalmente
Discordo
Indiferente
Concordo
Concordo totalmente

Você considera pertinente que a ADUFOP paute junto à reitoria a necessidade de reestabelecer os semestres letivos com o mesmo número de semanas que aconteciam no formato presencial?
Sim, é pertinente
Não, estou de acordo com o já aprovado e disposto no calendário aprovado.

O período previsto de recesso acadêmico entre os semestres é tempo suficiente para se recompor do cansaço laboral e usufruir o direito de férias.
Discordo totalmente
Discordo
Indiferente
Concordo
Concordo totalmente

Você considera pertinente que a ADUFOP paute junto à reitoria a necessidade de ampliar o tempo destinado aos recessos acadêmicos entre um semestre e outro?
Sim, é pertinente
Não, estou de acordo com o já aprovado e disposto no calendário aprovado

Você vivenciou algum problema, cerceamento ao direito de gozo de férias já agendadas, considerando as mudanças advindas pela modificação das datas de início e fim de semestre letivo a partir da aprovação do calendário letivo em vigência (PORTARIA PROGRAD Nº57, DE 24 DE NOVEMBRO DE 2020)?
Sim / Não

Qual a sua percepção sobre o poder aquisitivo de seu salário e outros direitos durante este período da pandemia.

Meus gastos aumentaram e a remuneração total também.
Meus gastos aumentaram e a remuneração total manteve-se no mesmo patamar
Meus gastos aumentaram e a remuneração total se reduziu
Meus gastos reduziram e a remuneração total também
Meus gastos reduziram e a remuneração total manteve-se no mesmo patamar
Meus gastos reduziram e a remuneração total aumentou

Algum direito trabalhista foi atingido durante este período da pandemia?
Sim / Não

Saúde e retorno presencial
Questões referentes à saúde, Covid-19 e possibilidades de retorno presencial.

Você foi testado positivo para Covid-19?
Sim / Não

Se sim, teve sintomas e precisou de internação?
Sim / Não

Se teve COVID, você se afastou do trabalho?
Sim / Não

Se sim, por quantos dias?
De 1 a 5 dias
De 6 a 10 dias
De 11 a 15 dias
Mais de 16 dias

Recebeu apoio adequado de suas chefias imediatas?
Sim / Não / Não se aplica

De que maneira os seus gastos com cuidado em saúde (medicações, planos de saúde, terapias alternativas) oscilaram?
Se mantiveram como no período anterior a pandemia
Os gastos diminuíram
Os gastos aumentaram durante a pandemia
Não tenho nenhum gasto com cuidados em saúde atualmente

Quais sintomas você identificou ter vivenciado durante a pandemia.
Ansiedade, pânico, taquicardia, insônia
Dores musculares, nas articulações, na coluna
Desconforto na visão, dores de cabeça, enxaqueca
Não se aplica

Retorno presencial
Em relação ao retorno presencial, quais são as considerações, reflexões, sugestões que quer fazer, que considera importante de serem pautadas pela ADUFOP junto à reitoria?
O meu local de trabalho precisa passar por adequações físicas, sanitárias para o retorno presencial em segurança ser possível de acontecer.
O meu local de trabalho já garante as condições de preservação de sua condição de saúde e não te expõe a riscos de contaminação.
Retorno presencial somente com a vacinação das duas doses de todos os maiores de 18 anos, com queda brusca no número de infectados e mortos.

Espaço destinado a questões que não foram perguntadas, considerações que queira fazer à ADUFOP em relação ao conteúdo deste questionário.


Adufop
ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UFOP – SEÇÃO SINDICAL